

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais
Relações Internacionais

A Guerra do Iraque (2003) no *Jornal Nacional*

Fernanda Scalia Pereira

Monografia apresentada
como requisito parcial para a
conclusão do curso de
bacharelado em Relações
Internacionais do Centro
Universitário de Brasília –
UniCEUB.

Brasília – DF
2004

Fernanda Scalia Pereira

A Guerra do Iraque (2003) no *Jornal Nacional*

Banca Examinadora:

Profa. Raquel Boing Marinucci
Orientadora

Prof. Marco Antonio de Meneses
Silva
Membro

Prof. Tarciso Dal Maso Jardim
Membro

Brasília – DF
2004

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por iluminar meus caminhos; aos meus pais, Fernando José Tavares Pereira e Thaís Rita Scalia, pela confiança e estímulo; ao meu irmão, Diogo Otávio Scalia Pereira, pela paciência; aos avós e tias, pela presença; ao meu namorado, Vítor Carneiro Curado, pelo companheirismo e força; à professora e orientadora, Raquel Boing Marinucci, pela dedicação, paciência, incentivo e interesse no tema desta monografia; aos professores que contribuíram para a minha formação acadêmica e conclusão desta etapa.

Resumo

Introdução: O presente trabalho analisa a cobertura dada pelo *Jornal Nacional* (*Rede Globo*) à Guerra do Iraque (2003). Além de fazer uma revisão bibliográfica sobre o papel da mídia na guerra, busca-se identificar as diferentes representações de tal realidade, destacando-se, em especial, os enquadramentos conferidos por este telejornal, as contradições identificadas e o papel das agências internacionais de notícias neste processo. **Metodologia:** Análise qualitativa da produção/veiculação das notícias a partir das teorias do agendamento e enquadramento. Análise quantitativa com cronometragem do tempo das notícias. **Resultados:** Identificação de um enquadramento da cobertura anterior ao início das ofensivas como de inevitabilidade da guerra. Cobertura também apresentou um enquadramento estratégico, onde se enfatizou a questão tática e militar, ou seja, os aspectos “emocionantes” da guerra. Relatos das manifestações contra a guerra ao redor do mundo com abordagem de opinião pública descritiva. Verificação do uso da guerra de propaganda como uma ferramenta por parte dos dois lados envolvidos no conflito. As redes de TV *Al Jazeera* do Qatar, *Abu Dhabi* dos Emirados Árabes e *Al Arabiya* da Arábia Saudita contribuíram para divulgação de uma visão não-ocidental do conflito. A diversidade de redes de TV estrangeiras cooperou para uma cobertura mais ampla, uma vez que a visão da mídia norte-americana não foi o único referencial ocidental. As charges e comentários do *JN* trouxeram uma visão mais crítica por parte deste jornal, onde se condenou tanto Saddam Hussein quanto George W. Bush; destoante às outras reportagens do noticiário que tiveram aspecto acrítico.

Abstract

Introduction: The present research analyzes the coverage given by the *Jornal Nacional (JN)*, Rede Globo Network, to the Iraqi War (2003). Other than the bibliographic revision about the role media has in war, this paper seeks to identify the different representations of that reality, emphasizing the frames offered by this newscast, the contradictions identified and the role of international agencies in the process of reality representation. **Methodology:** Qualitative analysis of the production/transmission of the news based on the theories of agenda-setting and frame analysis. Quantitative analysis with measurement of the duration of the news. **Results:** Identification of a frame in the coverage of the pre-war period indicating the inevitability of the war. The coverage also presented a strategic framing, where it was emphasized the tactical and military approaches, that is, the “thrilling” aspects of the war. Reports of the anti-war demonstrations around the world with a descriptive public opinion approach. Use of propaganda war as a tool by both sides involved in the conflict. The networks *Al Jazeera*, from Qatar, *Abu Dhabi*, from United Arab Emirates and *Al Arabiya*, from Saudi Arabia, have contributed to the divulgation of a non-western view of the conflict. The diversity of foreign networks collaborated to a broader coverage, once the North-American view was not the only western reference. The cartoons and comments of the *JN* offered a more critical vision, where both Saddam Hussein and George Bush were condemned; different from the other reports of the newscast that have a non-critical approach.

Sumário

Introdução	p.1
1. Guerra do Iraque	p.4
1.1. Antecedentes	p.4
1.2. Conflito	p.10
1.3. “Pós-guerra”	p.12
1.4. Metodologia	p.13
1.5. Agendamento e enquadramento	p.16
2. Mídia	p.20
2.1. Evolução do papel da mídia	p.20
2.2. Opinião pública	p.22
2.3. Papel dos jornalistas	p.23
2.4. <i>Newsmaking</i>	p.25
2.5. O peso da economia e a padronização	p.26
2.6. Guerra e mídia	p.28
3. A guerra no <i>Jornal Nacional</i>	p.31
3.1. Acompanhamento dos jornais	p.31
3.2. Resultado da análise e interpretação dos dados	p.36
Conclusões	p.51
Referências bibliográficas	p.54
Anexo	p.57

Introdução

Desastres ecológicos do outro lado do mundo, ataques terroristas que tomamos conhecimento no mesmo momento, guerras que podemos acompanhar em tempo real, esses são alguns dos fatores que fazem da mídia – para maioria das pessoas – o principal meio de compreender e de se informar a respeito do mundo que as cerca. Muitas vezes, o que não é pautado pela mídia (nesta pesquisa o foco foi a televisão) não se torna realidade, ou seja, mesmo que um evento tenha acontecido, a partir do momento que a mídia não o noticia, o mesmo não se torna parte do “real” para os telespectadores. Uma vez pautado, será discutido pelos mais diversos grupos, de ambientes acadêmicos a rodas informais de conversa, conferindo então ao acontecido espaço na vida e realidade das pessoas.

McCombs e Shaw, teóricos responsáveis pelos estudos na área do agendamento, afirmam que a mídia não apenas diz sobre o que se deve pensar, mas também dita como esse assunto deve ser pensado¹. O agendamento é justamente a escolha, por parte de jornalistas e editores, dos assuntos que serão objeto, ou não, de reportagem; escolhem o que é importante o suficiente para elencar, ao lado de outros temas, no raro espaço televisivo. Além de decidirem a pauta do telejornal, os editores também são responsáveis pela hierarquização das notícias no próprio noticiário. O que é considerado de menor importância, segundo valores jornalísticos e “filtros”² de notícias, ou recebe pouca atenção ou sequer recebe alguma.

Além de possibilitar que os fatos cheguem ao conhecimento das pessoas, direta ou indiretamente, a mídia pode ser considerada como um ator político pois, além de transmitir as informações políticas, ela tem poder de fiscalizar a ação de líderes mundiais, exercer críticas a políticas externas e canalizar as demandas da sociedade junto aos governos. Sendo a guerra a continuação da política por outros meios (Karl von Clausewitz), neste momento, a mídia poderia servir como instrumento de conscientização mundial para o problema, e esforços poderiam ser canalizados para sua solução, mais precisamente um espaço de debate público internacional.

O mundo adquire sentido através das representações sociais nele ocorridas e, por sua vez, determinados sentidos adquiridos podem ajudar a estabelecer relações de

¹ MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. “The Evolution of Agenda-Setting Research: Twenty-Five Years in the Marketplace of Ideas”. In *Journal of Communication*, v. 43, n. 2, p. 65.

² Segundo Noam Chomsky e Edward Herman, as notícias têm que passar por diversos filtros para serem veiculadas; filtros estes que são parte tão integrante do meio jornalístico que o próprio pessoal de mídia é capaz de se convencer que escolhe e interpreta objetivamente as notícias.

dominação³. As condutas de política externa, neste caso, poderiam ser responsáveis pela dominação de um país sobre outro. Desta maneira, os meios de comunicação passam a ser responsáveis pela construção de realidades, ocupando um lugar central na vida das pessoas e na política.

Os meios de comunicação, então, precisam ser estudados para que se compreenda como na esfera internacional é dada a construção de sentido. O momento mais claro de observação, na esfera internacional de formação de realidades, através da mídia, é durante o momento de guerra. A cobertura dos conflitos que envolvem os Estados Unidos, Vietnã, Golfo e Iraque em 2003, por exemplo, provocaram reações da opinião pública e dos governos, estivessem eles ou não envolvidos diretamente no conflito.

Tendo em vista a importância da Guerra do Iraque na mídia mundial, esta pesquisa se focalizou na cobertura do conflito para que, através destes resultados, fosse possível compreender melhor toda a dinâmica que envolve as representações da realidade e a mídia. O presente trabalho é continuação da pesquisa realizada pela aluna no II Programa de Iniciação Científica do UniCEUB (agosto de 2003 a agosto de 2004).

A discussão do papel da mídia é então imprescindível para compreensão do conflito. Para observação da representação das realidades, optou-se pelo instrumento da televisão (em detrimento da imprensa, por exemplo) que, segundo Bourdieu, possibilita atingir todo o mundo. O *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, foi selecionado para ser base da análise pois é este o noticiário de maior alcance nacional, ou seja, mais assistido. O período de guerra declarada somou 37 dias, de 20 de março a 1º de maio. A pesquisa, no entanto, trabalhou com o período total de 1º de fevereiro a 15 de maio. A escolha do período se remotou a mais de um mês de antecedência do início do conflito pois o desenrolar das negociações, a questão dos inspetores de armas, as manifestações contra a guerra, etc. já eram pautadas mesmo apenas com os indicativos do conflito, e como se perceberá pela análise, o tema da guerra foi muito mais presente neste mês anterior ao conflito que na semana após o fim do mesmo.

Em síntese, pode-se dizer que os objetivos iniciais do trabalho eram:

- Levantamento bibliográfico acerca do papel da mídia nas guerras contemporâneas, focalizando os conflitos onde os EUA estiveram envolvidos;
- Análise da cobertura feita pelo *Jornal Nacional* da *Rede Globo*;

³ THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 79-96.

- Identificação dos enquadramentos oferecidos pelo telejornal;
- Identificação e análise das posições contraditórias na cobertura oferecida pelo mesmo jornal;
- Análise do papel das agências de notícias na cobertura a guerra.

Desta maneira, o capítulo 1 apresenta o conflito através do seu histórico. Explicita os acontecimentos, as partes envolvidas, suas decisões, além de abordar as justificativas oferecidas para a guerra e as reações dos Estados. O capítulo aborda também a metodologia empregada na pesquisa dos dados que serão analisados no capítulo 3 bem como explica os pressupostos metodológicos que foram utilizados.

A mídia ganha então ênfase no capítulo 2. Nele são trabalhados aspectos como a evolução do papel da mesma, a opinião pública, o papel dos jornalistas, o *Newsmaking*, o peso da economia e a padronização das notícias para então abordar a guerra e mídia que é o objeto do trabalho.

A partir do momento que o conflito já foi explicado, a mídia estudada e a relação entre os dois estabelecida, o capítulo 3 é o que apresenta os resultados da pesquisa realizada sobre a mídia brasileira, especificamente sobre o *Jornal Nacional*, e a Guerra do Iraque. Nele serão apresentados os dados que foram levantados, bem como a interpretação dos mesmos.

1. A Guerra do Iraque

Este capítulo tem como objetivo apresentar o histórico do conflito do Iraque. Para melhor compreensão do mesmo, optou-se pela divisão em três momentos: os antecedentes da guerra, o conflito propriamente dito e o pós-guerra. O momento do conflito também é trabalhado no capítulo 3, quando a cobertura do *Jornal Nacional* é analisada através dos acontecimentos.

O presente capítulo também explicita a metodologia utilizada no processo da pesquisa, sendo objetos de destaques os pressupostos metodológicos do agendamento e do enquadramento.

1.1. Antecedentes

Os ataques de 11 de setembro de 2001 marcaram profundamente a política externa norte-americana. A “guerra contra o terrorismo” inflamou os espíritos estadunidenses e foi usada como justificativa para o lançamento de ofensivas no Oriente Médio, como veremos a seguir.

Com o intuito de tirar o governo Talibã⁴ do poder no Afeganistão, e assim atacar a organização terrorista Al-Qaeda⁵, a qual pertence Osama Bin Laden, pouco tempo após os atentados, os Estados Unidos reuniram em torno de si muitos simpatizantes. Quase todos os governos do mundo muçulmano, inclusive o Irã e a autoridade Palestina, condenaram os ataques. Aliados dos Estados Unidos, do Canadá, ao Japão e à Austrália, apressaram-se em ajudar ou complementar a campanha militar americana contra Al-Qaeda e o Talibã. O Paquistão, devidamente confrontado pelo governo americano com uma escolha inflexível, também decidiu cooperar. Até mesmo a China e a Rússia,

⁴ **Talibã** – A palavra significa “estudante”, em persa. Nos meios de comunicação no Brasil, as várias grafias adotadas – Talebã, Taliban, Taleban – representam o mesmo movimento político e religioso que surgiu entre estudantes de escolas religiosas na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão. Não demorou para que o movimento religioso se convertesse em uma milícia – exército informal –, que, em 1996, tomou o poder no Afeganistão. Depois que assumiu o controle, o Talibã instituiu normas duras, baseadas no fundamentalismo islâmico e com o objetivo de criar o estado islâmico mais puro do mundo. Televisão, cinema e música foram proibidos, homens são obrigados a usar barba e as mulheres perderam todos os direitos políticos e civis. O combate ao crime foi reforçado, com a introdução de penas que variam de mutilações, apedrejamentos a execuções públicas.

⁵ **Al-Qaeda** – Rede terrorista internacional, formada em 1988 por muçulmanos ex-combatentes no Afeganistão e controlada por Osama Bin Laden. Reúne aproximadamente de 3 mil homens espalhados por vários países do mundo e está estruturada em células que mantêm autonomia entre si. A Al-Qaeda tem presença forte em países como Sudão, Afeganistão, Paquistão, Iêmen, Somália, Chechênia, Tadjiquistão, Albânia e Bósnia-Herzegovina.

“infestada” (palavra com sentido um tanto pejorativo utilizada por Albright) de separatistas muçulmanos, juraram solidariedade⁶.

A guerra do Afeganistão foi tida pelo governo norte-americano como uma guerra que seria capaz de “desinfetar” o mundo dos mais terríveis terroristas. Tanto acreditava nesta possibilidade que aos detidos no Afeganistão não foram aplicadas as garantias concedidas a prisioneiros de guerra explicitadas pelas Convenções de Genebra, como fez questão de enfatizar o Secretário de Defesa dos EUA Donald Rumsfeld⁷. Os prisioneiros de Guantánamo (base militar norte-americana em território cubano) eram e ainda são tidos, pelo governo norte-americano, como indignos de alguns dos princípios básicos dos direitos humanos. Se perceberá que a situação degradante em prisões mantidas por este governo se repetirá em Abu Ghraib, no Iraque, em 2003/2004.

Diante do perigo “eminente” dos ataques terroristas, os estadunidenses se uniram através de um grande sentimento patriota, sentimento esse que exaltou os ânimos desta população para guerra. O inimigo, que a princípio era Bin Laden e a Al-Qaeda, foi aos poucos se transformando no que George W. Bush chamou de “Eixo do Mal”, e ao final se personificou em Saddam Hussein, antigo aliado do Ocidente.

Em 2003, Washington começou mais uma vez a reunir apoio mundial, mas desta vez contra o Iraque, e não a Al-Qaeda. Para dar apoio à sua decisão de expulsar Saddam Hussein, oficiais do governo aglutinaram seu regime e a Al-Qaeda em uma coisa só, descrevendo-os como metades complementares da mesma ameaça existencial. Oficiais norte-americanos declararam que a América atuaria contra essas ameaças sempre e onde quer que fosse necessário, independente da lei internacional, não obstante as dúvidas dos aliados e sem se preocuparem com a indignação daqueles que poderiam vir a interpretar mal as ações dos Estados Unidos⁸.

Desta maneira, dezoito meses depois dos ataques de 11 de setembro, o governo de George W. Bush entrou em guerra novamente, dessa vez para depor o ditador iraquiano. No entanto, a maior parte dos mesmos países que haviam apoiado os Estados Unidos no Afeganistão se opuseram fortemente à campanha⁹. Ao contrário da ofensiva no Afeganistão, foi amplamente criticada e discutida na esfera internacional. Para muitos países a única solução não era o ataque imediato como queria (e fez) o governo

⁶ ALBRIGHT, Madeleine K. “Pontes, bombas ou tumulto?” *Política Externa*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 77-89, dez./jan./fev. 2003-2004. p.78.

⁷ RUBIN, James. “Tropeçando na guerra.” *Política Externa*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 111-126, dez./jan./fev. 2003-2004. p.120.

⁸ ALBRIGHT, Madeleine K. *Op. Cit.* p.79.

⁹ RUBIN, James. *Op. Cit.* p.111.

norte-americano. Os meses que antecederam o início da guerra, em 20 de março de 2003, foram acalentados no tangente a reuniões e tomadas de posição por parte dos mais diversos Estados, principalmente por parte daqueles que faziam parte do Conselho de Segurança ou que estariam diretamente relacionados com o conflito, como a Turquia no impasse de ceder ou não as bases para o uso dos “aliados”. Alemanha e França, como líderes da União Européia, demonstraram durante as reuniões no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas que antecederam a invasão ao Iraque clara oposição aos objetivos imperiais dos Estados Unidos. Inclusive ameaçando exercer seu direito de veto se houvesse qualquer tipo de aprovação de resolução favorável à invasão do Iraque neste conselho. Posição também sustentada pela Rússia e muito veladamente pela China, além de outras potências regionais de menor expressão.

Os EUA, segundo críticos, não foram capazes de trazer para junto de si aliados de peso devido a um conjunto de erros; eles poderiam mais habilidosamente ter se utilizado das razões que de fato existiam para o conflito, como a desobediência do Iraque às resoluções da ONU e sua, até então, negação de se desarmar totalmente. O governo pecou pela falta de diplomacia perante países chaves em suas regiões, pela falta de interesse em postergar por mais alguns meses o ultimato a Saddam e pela variedade de razões apresentadas para justificação do conflito: enquanto o Departamento de Estado alegava uma razão, o Pentágono oferecia outra. Esses “erros” foram responsáveis pela visão internacional que o governo norte-americano faria o que bem entendesse, sem aprovação ou consentimento de outros países; e esse poder imperial do EUA, por si só, já assusta Estados mais comprometidos com a cooperação e o direito internacional.

Segundo o entendimento de Rubin, desta maneira, uma das principais fontes do ceticismo europeu quanto à campanha dos Estados Unidos no Iraque era a sensação de que Washington estava determinada a ir à guerra independente do que Saddam fizesse. Talvez essa suspeita viesse das freqüentes mudanças nas justificativas de Bush para a guerra; talvez viesse do fato de que ele não buscou atrair, de forma abrangente e consistente, importantes amigos e aliados. Qualquer que tenha sido o motivo, boa parte do mundo acreditava que Washington estava tão determinada a derrubar Saddam que jamais aceitaria um sim como resposta – mesmo que o líder iraquiano de fato aceitasse cumprir com os ultimatos internacionais¹⁰.

¹⁰ *Idem*, p.112.

Uma vez que se mencionou que o governo se utilizava de uma ampla gama de razões para justificar a guerra, é importante que se explicita cada uma delas, de acordo com visões do autor já citado: os oficiais do governo Bush alegavam que a derrubada de Saddam seria uma forma (1) de defender a inviolabilidade as resoluções da ONU; (2) de eliminar um governo assassino que brutalizava seus cidadãos; (3) de privar Osama Bin Laden de um importante aliado e (4) de incentivar a democracia no Oriente Médio.

Partindo das análises sugeridas por Rubin, percebe-se que a primeira justificativa é facilmente desacreditada pois é difícil de se conceber que os Estados Unidos estivessem interessados em honrar a Organização das Nações Unidas, ou fazer valer suas resoluções, justamente passando por cima do devido procedimento para ofensiva a um país. Se dando conta que uma votação no Conselho de Segurança revogaria sua decisão de invadir o Iraque (apenas quatro dos 15 membros foram convencidos pelo país), os EUA decidiram, quase que unilateralmente, a fazê-lo a suas próprias expensas. Nesta justificativa pode ser encaixada a questão da imprescindibilidade do desarmamento iraquiano. As armas de destruição em massa que o país supostamente possuía representavam uma ameaça ao mundo e uma afronta às determinações da ONU, já que esta já resolvera pela destruição deste tipo de armamento anteriormente.

A posse pelo Iraque de armas de destruição em massa foi mais do que evocada, primeiramente pelo governo dos EUA e posteriormente por sua mídia¹¹, para que o país fosse desacreditado. A população americana passou a afirmar com toda certeza que o governo iraquiano possuía tais armas e que, em havendo uma possibilidade, usaria-nas contra a América. No entanto, ainda antes do início da ofensiva, o Iraque concedeu aos inspetores de armas na ONU acesso irrestrito aos palácios presidenciais e a outros locais onde eles haviam sido barrados ou hostilizados no passado, e destruiu dúzias de mísseis Al-Samoud, depois que a Organização declarou que eles excediam o alcance permitido. Também permitiu que alguns os principais cientistas fossem entrevistados, e propôs novos métodos para provar a destruição anterior de armas proibidas¹².

A justificativa de se eliminar um governo assassino que brutalizava seus cidadãos forneceu um ar “humano” à guerra, por isso compreenda-se que os “mocinhos” norte-americanos levariam a paz e a harmonia que os “vilões” iraquianos estavam abnegando à população daquele país. Aos opositores do conflito, foram

¹¹ A princípio, a mídia norte-americana reiterou as alegações do governo dos EUA, no entanto, aos poucos, passou a relatar também a dificuldade de tais armas de destruição em massa serem encontradas. A relação da mídia com este conflito será abordada mais amplamente em capítulo seguinte.

¹² RUBIN, James. *Op. Cit.* p.116.

apresentadas as crueldades cometidas pelo governo iraquiano contra a população curda, por exemplo, que, em 1988, teve cerca de cinco mil, dos 40 mil habitantes da cidade de Halabja, mortos por um ataque com armas químicas lançado pelo governo de Saddam¹³. A libertação da população de um governo agressor era tida como a “salvação” do país.

A ligação de Saddam com a Al-Qaeda foi muito comentada, no entanto não foram divulgadas provas convincentes de tal relação. Essa foi uma tentativa do governo norte-americano relembrar o mundo do perigo do terrorismo, remetê-lo aos ataques de 11 de setembro e desta maneira associar Saddam com o mal, com aquilo que deveria ser combatido.

Outra justificativa para o conflito foi a falta de democracia e paz no Oriente. Os Estados Unidos se percebem como mantenedores da paz mundial, e como tal, não toleraram uma região que não tenha os princípios ocidentais como máximas, assim a instauração da democracia no Iraque serviria como referência para outros Estados. É incoerente, no entanto, a relação de aceitação dos EUA perante a falta de democracia de países aliados, como a Arábia Saudita. A exigência do mesmo princípio de democracia recebe tratamento dicotômico dado o país em questão, se Estado-cliente dos EUA ou não, como é o caso do Iraque.

De acordo com análises do livro “A manipulação do público” de Chomsky e Herman, assim como a relação do governo e das políticas externas é diferenciada dependendo do país, também se verifica a dicotomização da cobertura da mídia norte-americana perante tais questões. Por exemplo, as eleições em Estados-clientes amigos são freqüentemente realizadas sob patrocínio dos EUA, com extensa gestão e suporte de relações públicas dos EUA¹⁴. Desta maneira as eleições favorecidas serão vistas como legítimas independentemente dos fatos; as eleições não-favorecidas serão vistas como falsas, deficientes e não-legítimas, mais uma vez independentemente dos fatos.

São muitas as hipóteses nesse complexo xadrez geopolítico, mas estima-se também que, com a guerra, os EUA poderiam repactuar a ordem geopolítica do Oriente Médio (e mundial, portanto) e reafirmar seu papel de única superpotência mundial e “polícia do mundo” - desde que ganhasse a guerra em ação rápida e incisiva.

A luta contra Saddam pode não ter representado apenas nova etapa na luta contra o denominado terrorismo internacional. Pode ter sido, também, uma tentativa dos EUA

¹³ Powell visita região curda atacada com armas químicas por Saddam. 16 setembro 2003. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=13268> Acesso em: 11 setembro 2004.

¹⁴ CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *A manipulação do público: Política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo: Futura, 2003. p.145.

de restabelecer o controle ocidental sobre a segunda maior reserva de petróleo do planeta: são 112,5 bilhões de barris, que representam 11% do total mundial. No primeiro semestre de 2002, os EUA importaram em média 10,3 milhões de barris de petróleo por dia, segundo o Conselho de Defesa dos Recursos Naturais. Quase 1 milhão saiu do Iraque¹⁵.

O presidente Bush e seu vice, Dick Cheney, ambos com fortes laços com o lobby energético, compreendem que o aumento do consumo nos EUA, aliado a uma queda na produção interna, torna o país cada vez mais dependente da importação de petróleo. Levando em conta que a Arábia Saudita é o principal fornecedor dos EUA e que as relações bilaterais enfrentam uma crise que se agravou com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, fica evidente que o petróleo é um fator-chave na crise com Bagdá.

Vale lembrar o importante papel do complexo industrial-bélico-aeroespacial na economia norte-americana, essencial no desenvolvimento econômico e tecnológico pós-2ª Guerra do país. Portanto, precisa estar funcionando e plenamente justificado.

É importante lembrar que não há hipóteses e conclusões definitivas acerca das motivações do conflito em questão.

A essa altura, no cenário internacional, já estava decidido quais países manteriam firme oposição à ofensiva e quais fariam parte das chamadas forças da “coalizão”. Segue relação¹⁶ de alguns países e suas respectivas contribuições para com os EUA:

- Arábia Saudita: Aviões norte-americanos e britânicos empregam sua base aérea Prince Sultan para impor a "zona de exclusão de vôo" sobre o sul do Iraque;
- Austrália: Enviou uma força de elite com dois mil soldados do SAS (forças especiais), caças a jato e navios de guerra ao golfo Pérsico;
- Barein: Serviu como quartel-general à Quinta Frota dos Estados Unidos;
- Espanha: Mais forte aliado dos Estados Unidos e do Reino Unido;

¹⁵ FARAH, Paulo Daniel. Petróleo é fator-chave na crise iraquiana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 setembro 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45576.shtml>>. Acesso em: 7 setembro 2004.

¹⁶ Países que apóiam ataque contra o Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 março 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/guerranoiraque/0028.shtml>>. Acesso em: 11 setembro 2004.

- Emirados Árabes Unidos: Base para os aviões de vigilância e reabastecimento aéreo norte-americanos; serviu de base a um número estimado em 3.000 soldados ocidentais;

- Itália: Ofereceu assistência logística e o uso de bases militares e portos, sob os termos de seu compromisso para com a Otan;

- Jordânia: Abriu seu espaço aéreo aos aviões da coalizão, abrigou tropas norte-americanas envolvidas em operações de busca e resgate no oeste do Iraque e operou um sistema Patriot de defesa antimísseis;

- Kuwait: Serviu de base às forças da coalizão concentradas para uma invasão;

- Portugal: Colocou à disposição da coalizão as bases aéreas reservadas à Otan e uma base aérea nos Açores, no meio do Atlântico;

- Qatar: Abrigou o quartel-general móvel do Comando Central norte-americano, e permitiu que Washington ampliasse uma base aérea para operar mais jatos de combate;

- Reino Unido: O principal aliado de Washington quanto ao Iraque, comprometeu um total de 45 mil soldados, aviões e navios de guerra;

- República Tcheca: Enviou tropas não combatentes especializadas em descontaminação química, em resposta a um pedido dos Estados Unidos;

- Romênia: Abriu seu espaço aéreo e uma base para aviões norte-americanos, enviou especialistas em descontaminação química, médicos, engenheiros e policiais militares não combatentes, em resposta a um pedido dos EUA.

1.2. Conflito

A guerra propriamente dita teve início na madrugada do dia 20 de março de 2003 com ataques aéreos a cidade de Bagdá. Mísseis Tomahawk, caças ‘invisíveis’ F-117 e bombardeiros B-52 participaram das primeiras ofensivas. Baterias antiaéreas iraquianas foram acionadas e sirenes dispararam. Forças especiais americanas já operariam no Iraque. O presidente George W. Bush foi à televisão 45 minutos depois da primeira onda de ataques para anunciar o começo da guerra¹⁷. Em seu discurso afirmou que a operação militar era para “desarmar o Iraque, libertar o povo e defender o mundo de um grave perigo”.

¹⁷ Começa a guerra: mísseis buscam Saddam em ‘ataque de decapitação’. 20 março 2003. Disponível em: <http://www.escolavesper.com.br/conflitos2003/a_guerra.htm>. Acesso em: 10 setembro 2004.

Os ataques aéreos da coalizão aconteciam enquanto tropas terrestres marchavam rumo à capital, ao encontro da Guarda Republicana iraquiana. As tropas do Iraque não ofereceram grande resistência. Talvez uma de suas maiores conquistas tenha sido interromper a linha de abastecimento norte-americana. Comboios da coalizão eram atacados, impossibilitando a distribuição de alimentos e munições às tropas no fronte até que se retomasse o controle sobre estas linhas.

Como em qualquer outro conflito, a parte que mais sofreu, e ainda sofre, com esta guerra é a população. Civis sofreram com a falta de alimentos, água e luz nas cidades. Hospitais careciam de medicamentos e até mesmo médicos. A ajuda humanitária demorou a chegar e ainda assim sua capacidade foi limitada. Os bombardeios a mercados populares e hospitais servem como exemplo de que a distinção entre alvos militares e não-militares não foi obedecida pelas forças da coalizão.

A atitude da população iraquiana foi bastante contraditória semanas depois do início dos ataques. Em determinadas situações as tropas da coalizão foram bem recebidas, os iraquianos agradeceram a intervenção e praguejaram Saddam, em outras a população reagiu mal à presença das tropas, criticando Bush, pedindo a volta de Saddam e prometendo dificultar as coisas para a coalizão no futuro.

A onda de saques e vandalismo nas cidades iraquianas começou a preocupar a opinião pública mundial. Até mesmo museus foram roubados. Os palácios de Saddam, onde antes a população não podia entrar, viraram atração turística e seus objetos foram, também, objeto de furtos.

No dia 9 de abril de 2003, foi reproduzida no centro da capital uma cena típica da queda de regimes ditatoriais: a derrubada de uma das centenas de estátuas gigantescas do ditador que povoam o Iraque. Um grupo de iraquianos se reuniu em torno da escultura, momentos depois de fuzileiros navais norte-americanos terem chegado ao local, a bordo de tanques. Sob os olhos da imprensa internacional - abrigada em massa no Hotel Palestina à frente da praça - os militares dos EUA ajudaram iraquianos a derrubar a estrutura. É interessante notar que à época do acontecimento, as redes de televisão exibiram as imagens da derrubada da estátua com o *zoom* bastante aproximado, fazendo com que os telespectadores acreditassem que a praça estava tomada por iraquianos que apoiavam a ação. Meses depois, novas imagens do mesmo momento foram veiculadas e como a tomada destas fora feita a uma distância maior, a visualização da praça como um todo se fez possível: o número de iraquianos que apoiavam a ação era muito menor que as primeiras imagens levaram a acreditar.

Aos gritos de “Morte a Saddam!”, os iraquianos favoráveis a ação bateram na estátua com pedras e chinelos e pularam sobre a estrutura. No local onde estava o boneco do ditador, prenderam uma bandeira do Iraque. Mais tarde, a cabeça da estátua foi arrastada pelas ruas da capital por um grupo de iraquianos¹⁸. Aos poucos o comércio torna a abrir e as pessoas tentam retomar suas rotinas, o que é, infelizmente, bastante difícil dada situação iraquiana do pós-guerra.

No dia 1º de maio, o presidente Bush declara, a bordo de um porta-aviões, o fim dos principais combates e que as forças da coalizão teriam saído vitoriosas.

1.3. “Pós-guerra”

Como muitos já esperavam, o pós-guerra vem se mostrando bastante tenso e problemático. Confrontos entre policiais e insurgentes, atentados contra instituições internacionais e seqüestros de estrangeiros são alguns exemplos do que está acontecendo no Iraque desde a declaração de fim de guerra.

Optou-se pelo uso da palavra “pós-guerra” por uma questão elucidativa pois ainda não se pode dizer que os conflitos, ou a guerra, acabaram, já que como se viu, muitos até se intensificaram. A previsão do governo norte-americano de guerra breve não foi concretizada.

A procura por Saddam foi, cada vez mais, dificultando que este se escondesse. A cada dia que se passava, mais tropas coalizão marcavam presença nas cidades. No dia 13 de dezembro de 2003, Saddam Hussein foi capturado. Ele foi encontrado pelas tropas americanas em um buraco nas redondezas de Tikrit, sua cidade natal. O ex-ditador foi mantido sob guarda norte-americana até que, depois de o Iraque ter sua soberania reconhecida, foi entregue ao governo interino do país.

A situação não estava calamitosa apenas nas ruas das cidades, como se soube posteriormente, soldados norte-americanos estavam submetendo os prisioneiros da prisão de Abu Ghraib a torturas e situações humilhantes. Essas acusações chegaram ao conhecimento do Ocidente através de fotos amplamente divulgadas. Em algumas, prisioneiros eram obrigados a simular sexo oral, em outras, estavam encapuzados e nus, com uma soldado apontando para suas genitálias. Em uma das mais famosas, um

¹⁸ O começo do fim? 9 abril 2004. Disponível em: <http://www.escolavesper.com.br/conflitos2003/9_04_03_guerra_iraque.htm>. Acesso em 11 setembro 2004.

prisioneiro era obrigado a permanecer em cima de uma caixa, encapuzado e sob a ameaça de ser eletrocutado¹⁹. Os soldados acusados estão sendo julgados pelos abusos.

Que democracia é esta que os Estados Unidos se dizem tão praticantes ao ponto de até mesmo impô-la ao resto do mundo? Uma democracia baseada na humilhação de cidadãos? De privações aos direitos dos presos? Os acontecimentos na prisão iraquiana são incoerentes com o discurso estadunidense de Estado “defensor dos oprimidos”, capaz de lutar pela justiça e igualdade até mesmo fora de seu território. A credibilidade norte-americana muito foi abalada perante os lamentáveis abusos.

Os Estados Unidos transferiram o poder aos iraquianos no dia 28 de junho, mas as tropas americanas permanecem no país. O governo interino, liderado pelo primeiro-ministro, Iyad Allawi, assumiu o poder em uma cerimônia no quartel-general do Exército dos EUA, em Bagdá²⁰. No entanto, essa transferência de governo não acalmou a realidade iraquiana. O número de confrontos continua aumentando, os seqüestros de estrangeiros são cada vez mais freqüentes. É improvável que a situação se estabilize em um breve período de tempo.

Em uma estimativa conservadora, 5.756 iraquianos, a esmagadora maioria civis, perderam a vida até agosto de 2004 como resultado da Guerra do Iraque²¹.

É importante lembrar que não se pode analisar com precisão tal conflito dada proximidade histórica dos eventos. É impossível uma interpretação imparcial e acurada do pós-guerra, senão de todo conflito, uma vez que tudo é ainda muito incerto, as posições políticas, os interesses, as dificuldades e até mesmo as conquistas.

1.4. Metodologia

Tendo em vista a importância da Guerra do Iraque na mídia mundial, este trabalho está focalizado na cobertura do conflito, para que, através dos resultados, seja possível compreender melhor toda a dinâmica que envolve as representações da realidade e a mídia. A discussão do papel da mídia é então imprescindível para compreensão do conflito, e será feita ao longo deste trabalho. É importante ressaltar que

¹⁹ Pentágono encontra mais fotos de abusos contra presos no Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 maio 2004. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u72828.shtml>>. Acesso em: 11 setembro 2004.

²⁰ Coalizão antecipa transferência de poder no Iraque. 28 junho 2004. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI333147-EI865,00.html>>. Acesso em: 11 setembro 2004.

²¹ CANZIAN, Fernando. Dobra número de civis mortos no Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 agosto 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u75565.shtml>>. Acesso em: 11 setembro 2004.

a pesquisa está voltada para o enfoque sobre a produção/veiculação das notícias, e não no processo de recepção das mesmas pelo cidadão.

Os pressupostos metodológicos que norteiam a pesquisa são as teorias do agendamento e enquadramento, brevemente apresentadas em item a seguir. Para observação da representação das realidades, optou-se pelo instrumento da televisão (em detrimento da imprensa, por exemplo) que, segundo Bourdieu, possibilita atingir todo o mundo. Segundo o IBGE, 73% dos domicílios do país possuíam pelo menos um aparelho televisor em 1989. No mesmo ano, estimava-se que 94% dos brasileiros assistiam regularmente à TV e dados relativos a 1980 já indicavam uma média superior a 3,2 horas diárias de exposição à mesma. Esses dados permitem concluir que, num país de baixíssimos índices de alfabetização, em que os maiores jornais possuem uma circulação média inferior a 300 mil exemplares e o rádio nunca conseguiu se transformar em veículo nacional, a televisão se constituiu, desde os anos 70, na principal mídia²².

O *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, foi selecionado para ser base da análise pois é este o noticiário de maior alcance nacional, ou seja, mais assistido. Este telejornal, desde que foi ao ar pela primeira vez em 1º de dezembro de 1969, foi durante mais de duas décadas o programa líder de audiência, e continua a ser o líder absoluto de audiência entre os telejornais da televisão brasileira²³. Segundo pesquisa do Ibope, este jornal obteve 36,5% de audiência no período de 13 de set. de 2004 a 19 de set. de 2004²⁴.

Seguindo estes, foram gravadas, pelo Núcleo de Estudo sobre Mídia e Política da UnB²⁵, as edições do *Jornal Nacional* do período de 1º de fevereiro de 2003 a 31 de maio de 2003. O período da amostra foi escolhido tendo em vista que a guerra teve início dia 20 de março e “fim”²⁶ dia 1º de maio, com pronunciamento oficial de George W. Bush.

²² LIMA, Venício A de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 222-223.

²³ *Idem*, p.272.

²⁴ Almanaque Ibope. Disponível em: <www.almanaqueibope.com.br>. Acesso em: 4 outubro 2004. O universo da pesquisa foi de 4.952.600 domicílios. Um ponto de audiência corresponde a 1% deste universo.

²⁵ A aluna agradece ao Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (NEMP/UnB) que gentilmente reproduziu os telejornais necessários à pesquisa.

²⁶ Após a “comemoração” de um ano de ocupação do Iraque, a situação ainda está longe do que se entende por “fim” do conflito, os militantes contrários à presença norte-americana no país estão reagindo fortemente. Os ataques ocorrem em todos os lugares mostrando que o número das forças de segurança aliadas é pequeno para conter o número de militantes iraquianos.

O período de guerra declarada somou 43 dias, de 20 de março a 1º de maio. A pesquisa, no entanto, trabalhou com o período total de 1º de fevereiro a 15 de maio. A escolha do período se remontou a mais de um mês de antecedência do início do conflito pois o desenrolar das negociações, a questão dos inspetores de armas, as manifestações contra a guerra, etc. já eram pautadas mesmo apenas com os indicativos do conflito, e como se perceberá pela análise, o tema da guerra foi muito mais presente neste mês anterior ao conflito que na semana após o fim do mesmo. O rápido declínio de cobertura de guerra após a declaração de final de conflito (1º de maio) fez com que o prazo de análise previsto inicialmente fosse reduzido em uma quinzena (o prazo inicialmente proposto teria como data final o dia 31 de maio). A escolha pela redução foi tomada pois, uma vez que se está estudando a cobertura da guerra não há razão para computar nos dados dias em que esse tema não mais passou a fazer parte da agenda do noticiário.

Para cada telejornal, foi feito um resumo de cada notícia, além de cronometrar as mesmas e classificá-las de acordo com temas/categorias estabelecidos durante o acompanhamento dos jornais. Essas informações foram transferidas para uma ficha, com espaços delimitados para tema, tempo e resumo. Na identificação do formulário era anotado o dia (do mês e da semana) e feita transcrição textual da chamada do *Jornal Nacional*. Para melhor compreensão, um exemplo de ficha se encontra anexo a este trabalho.

A troca de reportagem é considerada quando é mudado o apresentador da notícia e o tema central da reportagem. Assim, mesmo quando a notícia continua sendo de “guerra” por exemplo, havendo troca de apresentador, o enfoque dado pelo *Jornal Nacional* era outro, ou era outro assunto dentro da mesma temática.

Dentro de cada reportagem foram também registradas quais autoridades puderam ser ouvidas, através de menções de “sonoras”. Estas menções são importantes pois é neste raro momento que se percebe a visão de autoridades ou de outras pessoas que não jornalistas sobre determinado assunto. As sonoras contribuem para, através da fala direta das pessoas, a análise da realidade sem interpretações explícitas do noticiário. Segundo Hallin, em 1968 as sonoras tinham, em média, 60 segundos. Já em 1988, esse tempo caiu drasticamente para 8,5 segundos. Isso demonstra que a mídia televisiva atual é muito mais mediada pelos jornalistas e âncoras do que nas décadas anteriores²⁷.

²⁷ HALLIN, D. *We Keep America on Top of The World: television journalism and the public sphere*. New York: Routledge, 1994. p.136-137.

Os momentos em que a gravação foi interrompida, cortada ou quando simplesmente não se podia compreender foram sempre acompanhados da menção “incompreensível”. Foi anotado também quando e em que localidade se encontravam os correspondentes da *Rede Globo* no Golfo Pérsico com o objetivo de distinguir o que poderiam ser notícias e imagens de fontes estrangeiras ou exclusivamente obtidas e produzidas pela *Rede Globo*. Como veremos a diante, a presença de um correspondente desta rede de televisão não muito contribuiu para produção de notícias inéditas, uma vez que este repórter era só mais um, dentre outros repórteres estrangeiros, que obtinha, ou não, acesso a lugares mediante autorização de militares americanos.

1.5. Agendamento e enquadramento

Para entender como a televisão seleciona eventos da realidade e os apresenta ao público é necessária a compreensão de dois conceitos básicos: agendamento e enquadramento, conceitos esses que na verdade são procedimentos metodológicos de análise bastante difundidos entre os estudos de mídia e política. A teoria da *agenda-setting*, de McCombs e Shaw, foi reconhecida como de suma importância para aqueles que estudam a mídia pois ela, mesmo após mais de 30 anos de existência, é capaz de agrupar numerosas pesquisas sobre comunicação sob uma mesma fundamentação teórica e produzir novos objetos de pesquisa.

Dentro desta teoria, o agendamento é o elenco de notícias selecionadas para fazer parte de um noticiário, ou seja, os temas escolhidos para serem discutidos. Este já restringe bastante as notícias dentro uma ampla gama de possibilidades, separando o que é “importante” suficiente para se tornar notícia, ou não. Desta maneira, o agendamento já funciona como uma instância formadora do conhecimento das pessoas, uma vez que poucas pessoas discutirão ou pensarão em temas que não foram agendados pela mídia. Portanto, os meios de comunicação constroem agendas públicas, destacando quais são os problemas e as questões que merecem atenção das pessoas.

Segundo E. Shaw²⁸, a teoria defende que:

em consequência da ação de jornais, da televisão e de outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descura [despreza], realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus

²⁸ Este autor, apesar do sobrenome Shaw, não é o mesmo teórico responsável pela “criação” da *agenda-setting*. Os pais desta teoria foram Maxwell McCombs e Donald Shaw.

próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas²⁹.

Os meios de comunicação, ao apresentarem as notícias, fornecem as categorias em que os destinatários podem colocá-las; além disso, a mídia também constrói uma hierarquia entre os temas, dizendo quais são os mais importantes. Desta maneira, segundo Mauro Wolf, a hipótese do *agenda-setting* toma como postulado um impacto direto – mesmo que não imediato – sobre os destinatários, que se configura segundo dois níveis: 1) “ordem do dia” dos temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos *mass media*; 2) a hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na “ordem do dia”³⁰.

Por sua vez, segundo Gaye Tuchman, os relatos de acontecimentos noticiosos são histórias, nem mais nem menos³¹. Essa terminologia não é um modo de rebaixar a notícia, muito menos de acusá-la de ser fictícia. Para validar este argumento, a autora cita Robert Park, que por sua vez afirmou, há várias décadas, que a notícia de jornal é uma forma de literatura popular, uma reencarnação das ainda populares novelas. Os repórteres, então, descobrem acontecimentos nos quais conseguem localizar os temas e os conflitos de uma sociedade particular, e os contam essencialmente através de histórias.

O enquadramento (*frame analysis*) é justamente a maneira que os temas são apresentados no telejornal, a maneira pela qual a história é contada. Ou seja, uma vez que já foram pautados, os temas precisam receber determinada abordagem, e essa é o enquadramento. Os “*frames*” são princípios de seleção, ênfase e apresentação compostos de pequenas teorias tácitas acerca do que existe, do que acontece e do que é importante³².

Os jornalistas, segundo Tuchman, aprendem formas de histórias que eles usam como equipamento profissional, como mecanismos que eles podem aplicar para

²⁹ SHAW, E. “Agenda-Setting and Mass Communication Theory. Gazette” em *International Journal for Mass Communication Studies*, v. XXV, n. 2, 1979, p. 96-105 *apud* WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1995. p. 130.

³⁰ WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1995. p. 132.

³¹ TUCHMAN, Gaye. “Contando estórias”. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Traquina, Nelson (org.). Lisboa: Vega, 1993. p. 258.

³² GITLIN, Todd. *The Whole World is Watching: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left*. Berkeley: University of California Press, 1980. p. 6-7

transformar os acontecimentos que encontram em relatos de acontecimentos ou *news stories*³³. É importante pois, estar atento para o fato de que os relatos noticiosos, mais uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, existem por si só³⁴.

Jornalistas fazem uso de princípios para selecionar e enfatizar determinadas notícias, dessa maneira, ao representar, criam realidades. Todd Gitlin então introduziu o conceito de enquadramento na comunicação de massa através de seu clássico exame de como a rede de TV americana *CBS* trivializou um grande movimento estudantil durante os anos 60. Segundo ele, a cobertura de notícias pode escolher dentre uma vasta gama de estratégias de enquadramento com a finalidade de enfatizar este ou aquele aspecto³⁵.

O processo de construção da agenda e da seleção do enquadramento é um processo coletivo, com um certo grau de reciprocidade. Mauro Wolf explicita quatro fases especialmente relevantes que aqui serão elencadas³⁶:

- 1) É a fase da focalização, os *mass media* dão um tal relevo a um acontecimento, uma ação, uma personalidade, etc., que passam então para o primeiro plano. Tipos diferentes de temas requerem quantidades e qualidades diferentes de cobertura para atraírem atenção;
- 2) O objeto focalizado pela atenção dos *mass media* deve ser enquadrado, deve ser interpretado à luz de um qualquer tipo de problema que ele simboliza: é a fase do *framing*, isto é, da imposição de um quadro argumentativo àquilo que foi intensamente coberto;
- 3) O objeto se torna parte de um panorama social e político reconhecido, ou seja, estabelece-se uma ligação entre o objeto ou acontecimento e um sistema simbólico. É a fase em que os *mass media* são decisivos para associarem acontecimentos pouco importantes, descontínuos, a uma vivência constante que se desenrola com solução e continuidade;
- 4) O tema adquire peso quando personificado em indivíduos que dele se constituam porta-vozes. A possibilidade de dar forma a agenda reside, primariamente, na habilidade dos mesmos para comandarem a atenção dos *mass media*.

Num período mais amplo, o processo contínuo de seleção, ênfase e apresentação do que é importante contribui para formação de valores. São esses valores que, por sua

³³ TUCHMAN, Gaye. *Op. Cit.* p. 258.

³⁴ *Idem*, p. 262.

³⁵ GITLIN, Todd. *Op. Cit.* p. 6-7.

³⁶ WOLF, Mauro. *Op. Cit.* p. 158.

vez, irão orientar as ações dos indivíduos na sociedade³⁷. McCombs e Shaw chegam à conclusão de que a mídia não somente nos diz “sobre o quê” pensar, mas também “como” pensar e conseqüentemente “o quê” pensar³⁸.

³⁷ GAMSON, William. *Talking Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p.7.

³⁸ MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. *Op. Cit.* p. 65.

2. Mídia

Uma vez que o histórico do conflito já foi desenhado e os principais acontecimentos relatados, para que se possa compreender a atuação do *Jornal Nacional* na cobertura da guerra, é preciso que se discuta o papel da mídia na sociedade. Para isso, optou-se por dividir este capítulo em temas centrais concernentes a esta área de estudo.

2.1. Evolução do papel da mídia

Os limites e fronteiras do planeta foram alterados por diversas inovações, do telégrafo ao satélite, das grandes agências de imprensa aos bancos de dados. A internacionalização e a multiplicação das redes e fluxo de comunicação foram responsáveis por grandes mudanças no mundo moderno. O surgimento de novas tecnologias em curto período - digitalização, internet, vídeo-fone - revolucionou radicalmente o modo tradicional de trabalhar do jornalista. As novas tecnologias são um dos fatores responsáveis pelo aumento na quantidade de notícias produzidas e pela abundância de oferta. Ignacio Ramonet cita um exemplo deste crescimento: nos EUA, em 1996, havia apenas, em matéria de informações pela TV, três jornais da noite, uma rede a cabo e dois programas semanais sobre um determinado assunto. Em 1999, o número de jornais da noite permaneceu o mesmo, mas surgiram dez programas de uma hora sobre determinado assunto, três redes a cabo, três redes de informações econômicas, duas redes de informação esportiva e três sites de internet com vídeo-imagens³⁹. É certo que os números atuais devem ser ainda maiores.

Em trinta anos, o mundo produziu mais informações do que no curso dos cinco mil anos precedentes. Um único exemplar da edição de domingo do *New York Times* contém mais informações do que poderia adquirir, durante toda a sua vida, uma pessoa culta do século XVIII⁴⁰.

Esse novo mundo da comunicação implica uma transformação fundamental nas mentalidades: ampliação da perspectiva mental e animação mental como produto da freqüente exposição à novidade⁴¹. Porém, existe algo em contrapartida desta inovação: os indivíduos submetidos a esse crescimento de “intensidade de vida”, resultado da

³⁹ RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.53.

⁴⁰ *Idem*, p.128.

⁴¹ MATTELART, Armand. *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.40.

circulação acentuada das idéias e imagens, sofrem de superficialidade e tensão causadas pela dificuldade em compreender tudo que é novo. Por exemplo, a apresentação de grande número de notícias, breves e fragmentadas, em um telejornal produz efeitos negativos no telespectador: a superinformação e a desinformação, há notícias demais e muito pouco tempo destinado a cada uma delas.

Devido todas essas modificações, o jornalismo viu-se obrigado a transformar-se. Segundo Hallin, o significado preciso de jornalismo objetivo se modificou consideravelmente durante o século XX. Da Segunda Guerra Mundial aos anos 60, a objetividade era atingida através da rígida separação entre fato e valor e entre fato e interpretação. O repórter deveria relatar apenas “quem, quando, onde e o que”. O conflito político entre os anos 60 e 70 se encarregou de por fim às práticas do jornalismo objetivo que eram utilizadas até então. Neste período houve falta de credibilidade, questionamento das fontes tradicionais de informações políticas, e discordância de interpretações desconhecidas durante o período da Guerra Fria. Passou-se então a oferecer para a audiência não apenas os fatos, mas também perspectivas e resumos, interpretações de como os fatos se encaixavam e o que eles significavam. A maneira mais fácil de conseguir fornecer análises sem perder a objetividade era focalizar questões estratégicas, efetividade e técnicas, questões essas que não se relacionavam diretamente com os conflitos nem arruinavam os valores da vida política⁴².

De acordo com o mesmo autor, a tendência de enquadrar e analisar fatos em termos de estratégias e táticas é uma característica do jornalismo americano moderno. Na cobertura da guerra no Vietnã, até mesmo as notícias sobre debate político interno foram enquadradas dessa forma⁴³. Para melhor compreensão de como essa tendência atinge todas as esferas politizadas de um telejornal, ressalva-se que estudos sobre cobertura em períodos eleitorais mostram maior frequência da abordagem “corrida de cavalos”, ou seja, em que candidato está à frente, qual a diferença do percentual de pontos entre os candidatos, etc.

Além do enquadramento estratégico e tático, o jornalismo moderno, em busca do “jornalismo objetivo”, faz uso recorrente das fontes oficiais de notícias. De acordo com as normas deste tipo de jornalismo, era necessário que os jornalistas repassassem as

⁴² HALLIN, D. *Op. Cit.* p.25.

⁴³ *Idem*, p.21-22.

informações oficiais sem ao menos comentar sua validade ou relevância. A dependência dos jornalistas perante as autoridades se torna, desta maneira, bastante significativa, uma vez que a notícia mais fidedigna, de acordo com tais normas, seria aquela relatada por aquelas fontes que, supostamente, têm acesso a informações que o jornalista não tem. No entanto, o jornalismo que visa fornecer ao público um registro neutro dos fatos, mas também depende primariamente de oficiais do governo para descrever e explicar tais eventos, claramente não tem potencial de refletir a realidade, mas sim de refletir a realidade que os oficiais do governo desejam mostrar ao público.

Uma vez que já foi traçada a evolução do papel da mídia, imprescindível para compreensão de como esta trabalha na formação da consciência das pessoas, é também essencial que se discuta a opinião pública.

2.2. Opinião pública

O espaço público caracteriza-se como espaço de mediação entre Estado e sociedade. Permite a discussão pública em um reconhecimento comum da força da razão bem como da riqueza da troca de argumentos entre indivíduos, confrontos de idéias e de opiniões esclarecidas. Para Habermas, a função primordial desta esfera pública seria propiciar debates e esclarecimentos políticos a fim de tornar possível uma forma e controle social sobre o poder do Estado. Ela seria a “esfera das pessoas privadas reunidas em um público a fim de discutir com ela [a autoridade] as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social⁴⁴”. Segundo este autor, essa esfera de debate funciona plenamente até o momento que as leis de mercado penetram nessa esfera; a partir de então, o raciocínio cede à lógica do consumo.

O princípio de publicidade se define como pondo à disposição da opinião pública os elementos de informação que dizem respeito ao interesse geral. O desenvolvimento das leis do mercado, sua intrusão na esfera da produção cultural, põem no lugar dessa argumentação, desse princípio de publicidade e dessa comunicação pública, formas de comunicação cada vez mais inspiradas em um modelo comercial de “fabricação da opinião”⁴⁵.

⁴⁴ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p.42.

⁴⁵ MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999. p.82.

Champagne argumenta que, na realidade, o que existe não é a “opinião pública” ou mesmo “a opinião avaliada pelas sondagens de opinião”, mas, de fato, um novo espaço social dominado por um certo número de agentes – profissionais de sondagens, cientistas políticos, conselheiros em comunicação e marketing político, jornalistas, etc. – que utilizam tecnologias modernas como a pesquisa por sondagem, computadores, rádio, televisão, etc.; é através destas que dão existência política autônoma a uma “opinião pública” fabricada por eles próprios, limitando-se a analisá-la e manipulá-la e, por consequência, transformando profundamente a atividade política tal como é apresentada na televisão e pode ser vivida pelos próprios políticos⁴⁶.

Por sua profissão, os jornalistas tornar-se-ão influentes líderes de opinião: exprimem sua opinião que pensam ser também a opinião de seus leitores e essa opinião pré-ajustada ao público, lida pelos leitores, tende a tornar-se a opinião dos leitores e, por consequência, um importante componente do que é percebido como opinião pública⁴⁷.

2.3. Papel dos jornalistas

Como acabou-se de mencionar, são os jornalistas, em grande parte, responsáveis pela formação da “opinião pública”. No entanto a exigência da instantaneidade tem comprometido que estes profissionais desempenhem suas funções com maior responsabilidade social. A mídia, sacrificando-se à ideologia do direto, do *ao vivo*, da instantaneidade, reduz o tempo da análise e da reflexão, primando pelas sensações. Segundo Bernard Langlois, os repórteres não têm mais tempo de investigar, de refletir, de aprofundar, de colocar os fatos num contexto. Isto por causa do progresso das técnicas de comunicação, das transmissões, dos satélites. Tudo acontece muito rápido, e mais depressa ainda por causa do peso e dos efeitos atrativos da televisão⁴⁸. Sobre o mesmo assunto, Ramonet afirma que os jornalistas acabam reagindo com paixão e instintivamente, abandonando as exigências da profissão e tornando-se apenas uma testemunha a mais. A posição do receptor e a do jornalista se entrelaçam e qualquer distância com relação ao fato desaparece e o cidadão é englobado no próprio acontecimento.

⁴⁶ CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.32.

⁴⁷ *Idem*, p.71.

⁴⁸ LANGLOIS, Bernard. “Plus on communique, moins on informe” em *Guerres et télévision* apud RAMONET, Ignacio. *Op. Cit.* p.102.

As rotinas de produção das grandes empresas de mídia têm feito do anonimato algo bastante comum. Na televisão, por exemplo, antes de uma notícia chegar à tela, uma informação passa por dezenas de mãos, é cortada, fragmentada, para finalmente não ser identificada por nenhum autor. O autor desapareceu. Isto é importante porque, neste contexto, ninguém é mais diretamente responsável⁴⁹ pelo conteúdo, ou até mesmo abordagem, de uma notícia que será veiculada.

Segundo crítica de Champagne, “o setor midiático é progressivamente conquistado pelo neoliberalismo e a informação tende a ser cada vez mais subtratada por jornalistas precários, à mercê da corvéia, que trabalham à sua maneira e fabricam uma informação sobre encomenda⁵⁰”. Essa talvez seja uma crítica bastante generalista, que revele uma tendência no setor da comunicação, no entanto, ainda é possível encontrar jornalistas cientes da importância de suas opiniões e cuidadosos com seus relatos.

Uma questão que surge a partir dos pontos mencionados é a distinção, feita pelo receptor, do que é verdadeiro e falso. Se a imprensa, a rádio ou a televisão dizem que alguma coisa é verdadeira, isto se impõe como verdade, mesmo que seja falso. O receptor não possui outros critérios de avaliação, pois, como não tem experiência concreta do acontecimento, só pode orientar-se confrontando os diferentes meios de comunicação uns com os outros. E se todos dizem a mesma coisa, é obrigado a admitir que é a versão correta dos fatos⁵¹. As empresas de mídia ainda se utilizam dos sentimentos das pessoas para dar veracidade aos acontecimentos: se a emoção que o telespectador sente ao ver o telejornal é verdadeira, a informação apresentada passa também a sê-lo. Há ainda a identificação do telespectador com o apresentador/jornalista: se o William Bonner disse, por exemplo, é verdade.

Em reação a esta realidade, parte do público vem, cada vez mais, conferindo maior importância à função de *ombudsman*. Estes são os mediadores que fazem a interface entre os leitores ou telespectadores e as redações. Normalmente são contratados pela empresa de notícias (ex. por um diário) por um período pré-fixado para que possa dar sua opinião sobre as matérias apresentadas por este veículo. A parte consciente dos cidadãos já espera da mídia que ela se submeta à crítica e que faça

⁴⁹ KAPUSCINSKI, Ryszard. *Lapidarium*. Milão: Feltrinelli, 1947 *apud* RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.52.

⁵⁰ CHAMPAGNE, Patrick. “La censure journalistique” em *Les Inrockuptibles*. 16 de dezembro de 1998 *apud* RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.51.

⁵¹ RAMONET, Ignacio. *Op. Cit.* p.62.

permanentemente sua autocrítica. Essa preocupação atual se funda na convicção de que o sistema informacional em si mesmo não é confiável, que existem falhas e que ele pode - às vezes sem o saber - apresentar enormes mentiras como verdadeiras.

Informar-se não é apenas interessar-se por certos domínios importantes - economia, política, cultura, ecologia, etc. - mas é também interessar-se pela informação como tal, pela comunicação. E para isso, é necessário que a mídia analise o funcionamento da própria mídia, que se informe sobre a informação. A mídia não deve mais fingir que é o olho que olha, mas que não pode ver-se⁵². Assim, percebe-se o desafio contemporâneo dos jornalistas.

2.4. *Newsmaking*

Este é justamente o estudo da produção de notícias, como elas são feitas. Essa abordagem articula-se dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização das rotinas produtivas. Estar atento à existência desses mecanismos que norteiam a produção de notícias é fundamental para o entendimento de como a mídia pauta a política e, neste caso mais específico, a guerra.

Citando Garbarino, Wolf explica a cultura profissional como sendo “um inextricável emaranhado de retóricas de fachadas e astúcias táticas, de códigos, esteriótipos, símbolos, tipificações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções dos *mass media* e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que superintendem à sua confecção. A ideologia traduz-se, pois, numa série de paradigmas e de práticas profissionais adotadas como naturais⁵³”. Essa cultura do profissionalismo irá, muitas vezes, determinar a seleção dos fatos noticiáveis bem como a organização deles no texto jornalístico.

O segundo fator que deve ser considerado é a rotina produtiva e organização do trabalho jornalístico. Sobre este último, Garbarino afirma que são cridas convenções profissionais “que determinam a definição de notícia, legitimam o processo produtivo, desde a utilização das fontes até à seleção dos acontecimentos e às modalidades de confecção⁵⁴”.

⁵² *Idem*, p.57.

⁵³ GARBARINO, A. “La normalizzazione dei giornalisti”. *Sociologia dell’organizzazione*, 1982 *apud* WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995. p.170.

⁵⁴ GARBARINO, A. La normalizzazione dei giornalisti”. *Sociologia dell’organizzazione*, 1982 *apud* WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995. p.170.

Segundo esta perspectiva, “faz notícia” aquilo que, depois de tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas, é suscetível de ser trabalhado pelo órgão informativo sem demasiadas alterações e subversões do ciclo produtivo normal. Esta já é uma instância de seleção do que entrará, ou não, na agenda de notícias. Como se percebe, as perspectivas de estudos de longo prazo (*agenda-setting* e *frame analysis*, já estudadas em capítulo anterior) e a análise de como as notícias são produzidas (*newsmaking*) não são excludentes, podem até mesmo ser consideradas conjuntamente para um maior entendimento das relações pertinentes a este campo de estudo.

Além da cultura profissional dos jornalistas e da organização das rotinas produtivas, é de extrema importância, para compreensão do processo de *newsmaking*, a vertente econômica, que é ainda parte integrante dos mencionados fatores. Esta será melhor trabalhada no sub-item que segue.

2.5. O peso da economia e a padronização

Em meados dos anos 40, Adorno e Horkheimer criam o conceito de indústria cultural. Analisam a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. Os produtos culturais, os filmes, as propagandas, as revistas, assim como as notícias, ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou projetos de urbanismo. Cada setor da produção é uniformizado e todos o são em relação aos outros.

A civilização contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. A indústria cultural fornece por toda parte bens padronizados para satisfazer às numerosas demandas, identificadas como distinções às quais os padrões da produção devem responder. Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho. Essa situação não é o resultado de uma lei da evolução da tecnologia enquanto tal, mas de sua função na economia atual⁵⁵.

Por isso, críticos se preocupam com influências e pressões exercidas sobre o conteúdo da informação, em particular com a publicidade e os anunciantes. Segundo David Shaw, jornalista do *Los Angeles Times*, “buscando novos meios de aumentar seu

⁵⁵ MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *Op. Cit.* p.77.

público e sua renda e sob pressão constante dos gerentes preocupados com seus benefícios, os jornais abaixam ou suprimem o “muro”, palavra que designa a separação tradicional entre redação e publicidade”⁵⁶.

As mudanças na política e nas comunicações ao longo dos últimos dez anos tendem a intensificar a aplicabilidade do modelo de propaganda. O aumento do poder corporativo e do alcance global, as fusões e a maior centralização da mídia tornaram as considerações da linha de resultados mais influentes. A competição por anúncio tornou-se mais intensa e os limites entre os departamentos editoriais e de propaganda tornaram-se ainda mais tênues⁵⁷.

Conforme apresentado no item 2.2, o fortalecimento do modelo de propaganda enfraquece gravemente a esfera pública - entendida pela gama de locais e fóruns nos quais assuntos importantes para uma comunidade democrática são discutidos e informações relevantes são oferecidas para os cidadãos. Isso vem causando a substituição de uma esfera política pública por uma cultura de consumo despolitizada⁵⁸. Percebe-se então a criação de um mundo de comunidades virtuais construídas por anunciantes e baseadas em demografia e diferenças de gosto dos consumidores. Essas comunidades virtuais são organizadas para comprar a vender produtos, não para criar ou servir uma esfera pública.

As pessoas assistem e lêem em grande parte aquilo que está prontamente disponível e bastante promovido. Há poucas razões para acreditar que o público não queira compreender por que está pagando caro por assistência médica inadequada e por que está trabalhando cada vez mais e recebendo cada vez menos. O modelo de propaganda pode explicar por que isso não está acontecendo: os soberanos que controlam a mídia optam por não oferecer tal material. A busca pela audiência torna as notícias meras mercadorias que devem ser aceitas pelo público consumidor.

Por esta razão percebe-se que as guerras são momentos de grande interesse para mídia. São, as notícias de guerra, amplamente aceitas pelo público que se sente preocupado, interessado ou até mesmo consternado com o desenrolar de uma guerra alhures, até mesmo quando não se sabe as razões ou até mesmo localidade geográfica do conflito. Sob esta visão, as guerras apresentam-se como grandes “vendedoras” de notícias.

⁵⁶ Marianne, 6 de junho de 1998 *apud* RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.54.

⁵⁷ CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *Op. Cit.* p.18.

⁵⁸ ROBINS, Kevin; WEBSTER, Frank. *Times of the technoculture*. Londres: Routledge, 1999. p.127.

2.6. Guerra e mídia

A Primeira Guerra representou o primeiro conflito dito “total”. Desenrolou-se, não só em dimensão mundial, mas também foi um conflito em que a guerra política, econômica e ideológica tornaram-se tão decisivas quanto as operações no terreno das armas. Suscitar a adesão dos cidadãos à causa nacional tornou-se uma tarefa prioritária. Não somente um número cada vez maior de setores da economia nacional foram chamados para contribuir com o esforço de guerra, mas também as populações civis começaram a ser cada vez mais afetadas diretamente na vida cotidiana por essa nova forma de confronto. Foi nesse contexto que a propaganda conseguiu os primeiros sucessos como técnica de gestão da opinião de massa, mas igualmente como meio de pressão sobre os dirigentes de governos estrangeiros⁵⁹. O objetivo prioritário do uso da propaganda, intensificado a partir de agosto de 1917, era provocar o maior número de deserções nas tropas inimigas.

Para Harold D. Lasswell, autor do livro *Propaganda Techniques in the World War*, os meios de difusão surgiram como instrumentos indispensáveis para gestão governamental das opiniões, tanto de populações aliadas como de inimigas, e, de maneira mais geral, partindo das técnicas de comunicação, do telégrafo e do telefone para o cinema, passando pela radiocomunicação. A propaganda constitui o único meio de suscitar a adesão das massas; além disso é mais econômica que a violência, a corrupção e outras técnicas de governo desse gênero. Pode ser utilizada tanto para bons como para maus fins. Essa visão instrumental consagra a representação da onipresença da mídia, considerada ferramenta de “circulação eficaz dos símbolos”⁶⁰. Ainda de acordo com Lasswell, “durante o período da guerra foi reconhecido que a mobilização dos homens e meios não era suficiente; era preciso a mobilização da opinião. É evidente que a gestão comportamental da opinião é um corolário incontornável da guerra moderna que se desenrola em grande escala”⁶¹.

Segundo Mattelart, a guerra também pode servir como fator impulsionador para a economia. Em suas palavras, “...somente a guerra fará a América superar a crise. Em 1940, o desemprego atinge 15% da população ativa, ou seja, mais de 8 milhões de

⁵⁹ MATTELART, Armand. *Op. Cit.* p.58-59

⁶⁰ MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *Op. Cit.* p.37.

⁶¹ LAS SWELL, H. *Propaganda Technique in the World War*. Knopf: New York, 1927 *apud* MATTELART, Armand. *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.73

trabalhadores. Entre 1940 e 1945, a força de trabalho passará de 47 para 55 milhões e mais de 6 milhões vão encontrar um emprego nas indústrias da defesa. O produto nacional bruto será superior à sua duplicação”⁶².

Sobre a guerra no Golfo (1991), o autor escreve que esta é uma guerra da comunicação pois, em resposta à cobertura da guerra do Vietnã que fez com que o público se revoltasse contra a guerra, teve sua cobertura submetida ao controle de censura dos militares. As imagens da guerra aérea fortalecem a utilização dos “armamentos inteligentes”. Desenrola-se sob os olhos da população um sistema complexo de circuitos altamente sofisticados e numerosos sistemas informáticos⁶³.

Segundo Ramonet, a cobertura da operação “Tempestade do deserto” foi resultado de um grande mal-entendido: a mídia prometendo mostrar a “guerra ao vivo”, enquanto os militares tinham decidido mostrar aos jornalistas apenas engodos. Este autor cita o professor universitário Mark Cristin-Miller que por sua vez afirma que esta foi uma operação de propaganda de uma dimensão sem precedentes: foi um desastre para a imprensa ocidental e para o povo americano, pois tudo foi orquestrado como uma coreografia e manipulado pelo Pentágono, tendo a mídia aceitado tudo isso⁶⁴.

As guerras, num ambiente supermediatizado, tornam-se grandes operações de política que não poderiam ser conduzidas fora dos imperativos das relações públicas. Elas devem gerar imagens próprias, límpidas, que correspondam aos critérios do discurso de propaganda ou, em termos contemporâneos, do discurso publicitário⁶⁵.

Hoje em dia, a informação televisada é essencialmente um divertimento, um espetáculo. Se nutre fundamentalmente de sangue, violência e morte. E isto mais ainda devido à concorrência desenfreada entre as emissoras que obrigam os jornalistas a buscar o sensacional a qualquer preço, a querer ser, cada um deles, o primeiro no local a enviar de lá imagens fortes⁶⁶.

Os eventos produtores de imagens fortes – guerras, catástrofes, sofrimento – tomam preeminência na atualidade, eles se impõem aos outros assuntos mesmo que, em termos absolutos, sua importância seja secundária. Desta forma, a guerra se torna assunto de grande interesse para a mídia, principalmente, televisiva.

⁶² MATTELART, Armand. *Op. Cit.* p.85.

⁶³ *Idem*, p.136-137.

⁶⁴ RAMONET, Ignacio. *Op. Cit.* p.89.

⁶⁵ *Idem*, p.89.

⁶⁶ *Ibidem*, p.101.

Através de todas estas considerações será analisada a cobertura jornalística da Guerra do Iraque (2003) apresentada no capítulo seguinte.

3. A guerra no *Jornal Nacional*

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa proposta e explicitada no capítulo 1. A subdivisão corresponde, respectivamente, à análise quantitativa dos dados obtidos e à interpretação, de acordo com bibliografia estudada, dos mesmos.

3.1. Acompanhamento dos jornais

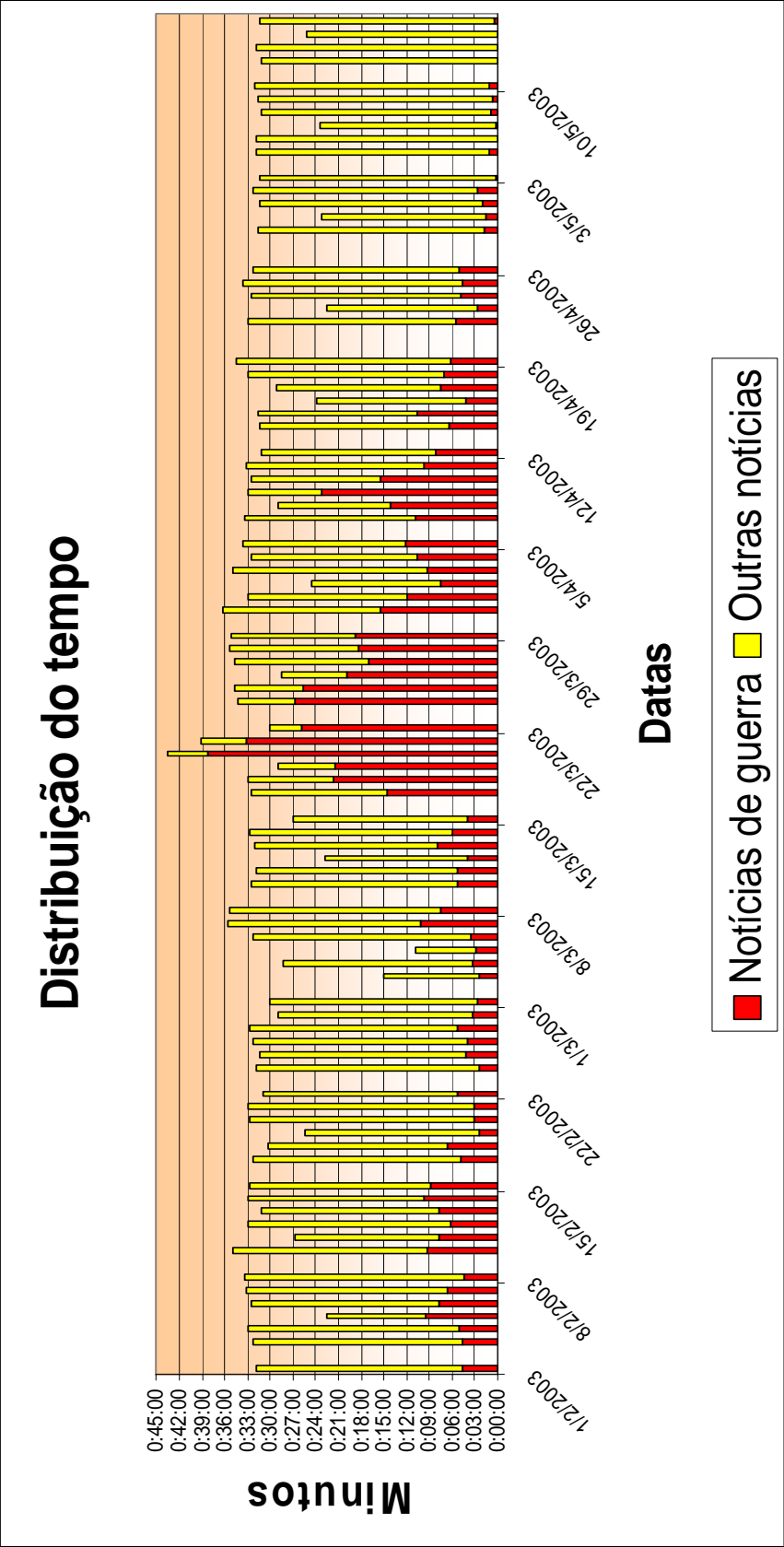
Este subitem é dedicado à análise quantitativa do resultado do acompanhamento do *Jornal Nacional (JN)*, e para isso, optou-se pela apresentação de dados através de tabela e gráficos. Uma análise qualitativa será melhor contemplada no item 3.2., referente ao resultado da pesquisa e interpretação dos dados.

Para facilitar a visualização, a seguir serão apresentadas, através de tópicos, as datas mais relevantes para a análise da guerra:

- Dias de análise: 104 dias (1º de fevereiro a 15 de maio de 2003), sendo 89 edições (segunda-feira a sábado).
- Horas de jornal analisadas: 45 horas, 3 minutos e 12 segundos.
- Início da guerra: 20 de março.
- Queda do regime de Saddam: 9 de abril de 2003.
- Declaração de final de guerra: 1º de maio, noticiado no *JN* do dia 2 de maio.
- Dias de cobertura de guerra declarada: 37 dias, contando somente de segunda-feira a sábado.

O **gráfico 1**, abaixo, ilustra a distribuição do tempo diariamente do jornal. O aumento gradual da cobertura de guerra teve seu pico na edição do primeiro dia do conflito. Nesta, as notícias de guerra corresponderam a 87,78% do tempo total do noticiário. Outro pico na cobertura de guerra corresponde ao dia da derrubada da estátua de Saddam Hussein em Bagdá, associado à queda do regime. Pouco após a declaração de final da guerra, feita por George Bush a bordo de um porta-aviões em 1º de maio (noticiada no dia seguinte), a ênfase dada ao conflito caiu drasticamente, chegando a nem aparecer na pauta do dia 6 de maio.

Gráfico 1



A seguir, a **tabela 1** referente ao acompanhamento dia-a-dia dos tempos de notícias em cada edição do *JN*.

Tabela 1

Data	Tempo total	Notícias de guerra	Outras Notícias	Porcentual de notícias de guerra
Fevereiro				
1/2/2003	0:31:54	0:04:34	0:27:20	14,32%
3/2/2003	0:32:17	0:04:36	0:27:41	14,25%
4/2/2003	0:32:56	0:05:07	0:27:49	15,54%
5/2/2003	0:22:30	0:09:34	0:12:56	42,52%
6/2/2003	0:32:30	0:07:43	0:24:47	23,74%
7/2/2003	0:33:15	0:06:44	0:26:31	20,25%
8/2/2003	0:33:23	0:04:19	0:29:04	12,93%
10/2/2003	0:34:54	0:09:21	0:25:33	26,79%
11/2/2003	0:26:43	0:07:47	0:18:56	29,13%
12/2/2003	0:32:53	0:06:16	0:26:37	19,06%
13/2/2003	0:31:15	0:07:48	0:23:27	24,96%
14/2/2003	0:32:56	0:09:39	0:23:17	29,30%
15/2/2003	0:32:37	0:08:50	0:23:47	27,08%
17/2/2003	0:32:22	0:04:55	0:27:27	15,19%
18/2/2003	0:30:12	0:06:39	0:23:33	22,02%
19/2/2003	0:25:28	0:02:31	0:22:57	9,88%
20/2/2003	0:32:46	0:03:01	0:29:45	9,21%
21/2/2003	0:32:55	0:03:03	0:29:52	9,27%
22/2/2003	0:31:03	0:05:14	0:25:49	16,85%
24/2/2003	0:31:46	0:02:29	0:29:17	7,82%
25/2/2003	0:31:29	0:04:07	0:27:22	13,08%
26/2/2003	0:32:14	0:04:02	0:28:12	12,51%
27/2/2003	0:32:44	0:05:17	0:27:27	16,14%
28/2/2003	0:28:59	0:03:13	0:25:46	11,10%
Março				
1/3/2003	0:30:02	0:02:37	0:27:25	8,71%
3/3/2003	0:15:05	0:02:28	0:12:37	16,35%
4/3/2003	0:28:20	0:03:17	0:25:03	11,59%
5/3/2003	0:10:47	0:02:49	0:07:58	26,12%
6/3/2003	0:32:12	0:03:36	0:28:36	11,18%
7/3/2003	0:35:39	0:10:13	0:25:26	28,66%
8/3/2003	0:35:22	0:07:32	0:27:50	21,30%
10/3/2003	0:32:31	0:05:16	0:27:15	16,20%
11/3/2003	0:31:46	0:05:17	0:26:29	16,63%
12/3/2003	0:22:40	0:04:03	0:18:37	17,87%
13/3/2003	0:32:02	0:07:54	0:24:08	24,66%
14/3/2003	0:32:48	0:06:03	0:26:45	18,45%
15/3/2003	0:26:58	0:04:01	0:22:57	14,89%
17/3/2003	0:32:25	0:14:35	0:17:50	44,99%
18/3/2003	0:32:55	0:21:37	0:11:18	65,67%
19/3/2003	0:28:53	0:21:26	0:07:27	74,21%
20/3/2003	0:43:30	0:38:11	0:05:19	87,78%

21/3/2003	0:39:08	0:33:05	0:06:03	84,54%
22/3/2003	0:30:00	0:25:49	0:04:11	86,06%
24/3/2003	0:34:16	0:26:40	0:07:36	77,82%
25/3/2003	0:34:37	0:25:36	0:09:01	73,95%
26/3/2003	0:28:33	0:19:56	0:08:37	69,82%
27/3/2003	0:34:36	0:16:56	0:17:40	48,94%
28/3/2003	0:35:22	0:18:26	0:16:56	52,12%
29/3/2003	0:35:05	0:18:52	0:16:13	53,78%
31/3/2003	0:36:14	0:15:29	0:20:45	42,73%
Abril				
1/4/2003	0:32:55	0:11:59	0:20:56	36,41%
2/4/2003	0:24:27	0:07:34	0:16:53	30,95%
3/4/2003	0:34:57	0:09:22	0:25:35	26,80%
4/4/2003	0:32:27	0:10:43	0:21:44	33,03%
5/4/2003	0:33:36	0:12:06	0:21:30	36,01%
7/4/2003	0:33:28	0:10:56	0:22:32	32,67%
8/4/2003	0:29:01	0:14:15	0:14:46	49,11%
9/4/2003	0:33:03	0:23:14	0:09:49	70,30%
10/4/2003	0:32:25	0:15:33	0:16:52	47,97%
11/4/2003	0:33:05	0:09:38	0:23:27	29,12%
12/4/2003	0:31:04	0:08:15	0:22:49	26,56%
14/4/2003	0:31:27	0:06:30	0:24:57	20,67%
15/4/2003	0:31:40	0:10:41	0:20:59	33,74%
16/4/2003	0:23:46	0:04:15	0:19:31	17,88%
17/4/2003	0:29:06	0:07:32	0:21:34	25,89%
18/4/2003	0:32:50	0:07:08	0:25:42	21,73%
19/4/2003	0:34:27	0:06:06	0:28:21	17,71%
21/4/2003				
22/4/2003	0:33:02	0:05:34	0:27:28	16,85%
23/4/2003	0:22:28	0:02:37	0:19:51	11,65%
24/4/2003	0:32:28	0:04:50	0:27:38	14,89%
25/4/2003	0:33:35	0:04:36	0:28:59	13,70%
26/4/2003	0:32:14	0:05:09	0:27:05	15,98%
28/4/2003				
29/4/2003	0:31:37	0:01:44	0:29:53	5,48%
30/4/2003	0:23:16	0:01:29	0:21:47	6,38%
Maio				
1/5/2003	0:31:29	0:02:03	0:29:26	6,51%
2/5/2003	0:32:14	0:02:37	0:29:37	8,12%
3/5/2003	0:31:27	0:00:14	0:31:13	0,74%
5/5/2003	0:31:54	0:01:01	0:30:53	3,19%
6/5/2003	0:31:52	0:00:00	0:31:52	0,00%
7/5/2003	0:23:24	0:00:18	0:23:06	1,28%
8/5/2003	0:31:15	0:00:47	0:30:28	2,51%
9/5/2003	0:31:40	0:00:37	0:31:03	1,95%
10/5/2003	0:32:08	0:01:07	0:31:01	3,48%
12/5/2003	0:31:04	0:00:00	0:31:04	0,00%
13/5/2003	0:31:50	0:00:00	0:31:50	0,00%
14/5/2003	0:25:14	0:00:00	0:25:14	0,00%
15/5/2003	0:31:30	0:00:23	0:31:07	1,22%

Obs.: Os dias 21 e 28 de abril não foram gravados.

O **gráfico 2** traça o crescimento e declínio, em minutos, do espaço dedicado à guerra. Já o **gráfico 3** ilustra a divisão de temas no universo total das edições.

Gráfico 2

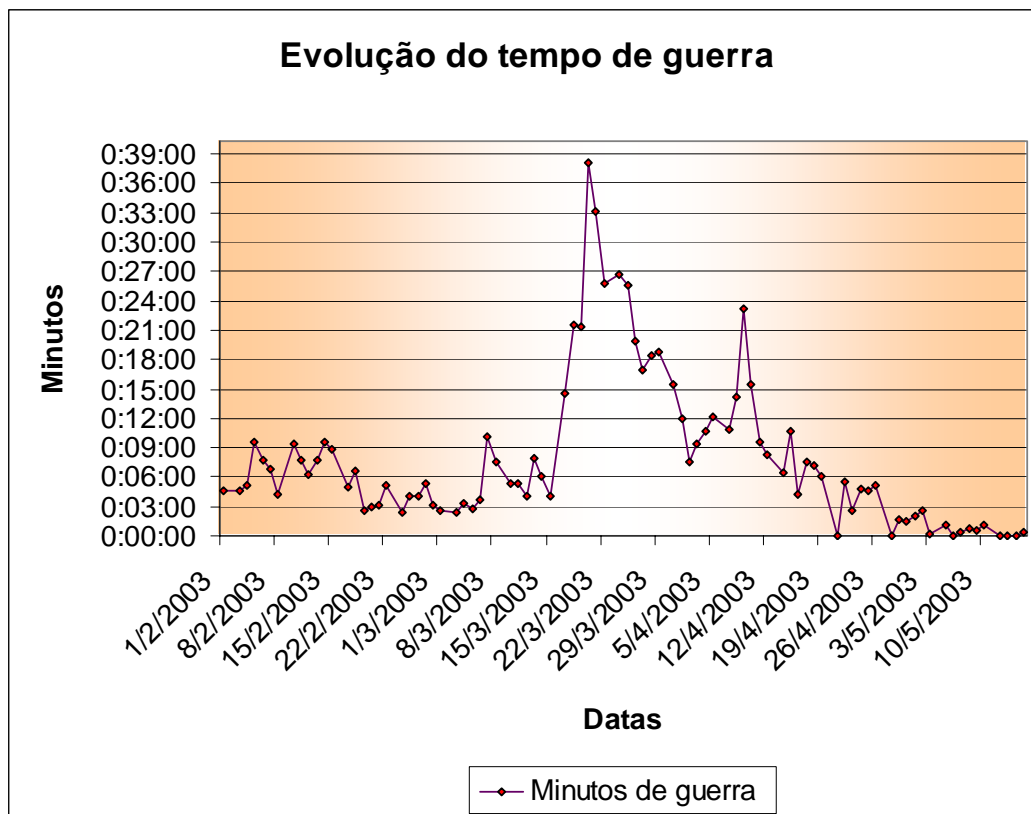
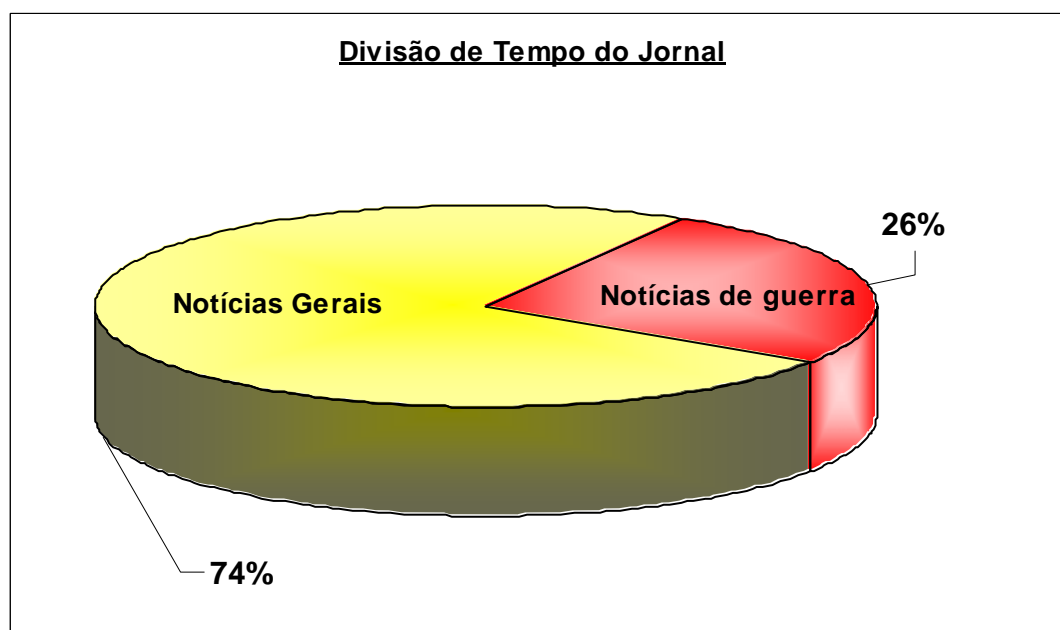


Gráfico 3



3.2. Resultado da análise e interpretação dos dados

Para melhor compreensão, serão apresentados, neste item, alguns dos fatos observados na cobertura da guerra do *JN* que serviram para fundamentar as análises que estão baseadas na bibliografia discutida.

Primeiramente é importante notar o crescimento e declínio de minutos destinados à guerra ao longo do período analisado. Pode-se afirmar que a cobertura anterior ao conflito teve, como média, o espaço de 6 minutos e 29 segundos em cada edição, sendo que em nenhuma delas o tema não fora pautado. É, no entanto, curioso o rápido declínio de minutos destinados ao conflito após o dia 1º de maio (fim de guerra⁶⁷), mais precisamente 2 de maio, pois foi nesta edição que o *JN* reportou o final do conflito. Já no dia seguinte, apenas 14 segundos foram destinados ao tema. Esses números são incoerentes, pois como algo tão importante, que fora pautado diversas vezes com tanto espaço, perdeu a importância de um dia para o outro? Uma possível resposta pode ser cunhada através de estudos de Chomsky e Herman⁶⁸, que afirmam que a orientação para os lucros da mídia de massa determina quais notícias serão ou não importantes. É possível que a guerra já não tivesse mais seu apelo ao público como no início, e, apesar de atentados e do conflito propriamente dito não ter cessado no Iraque àquela altura, a *Rede Globo* tenha percebido que o tema guerra não mais fosse “vendido” ao público.

O gráfico 3 mostra que aproximadamente ¼ do tempo total analisado foi destinado à guerra. Este número é bastante elevado tendo-se em consideração que o Brasil discutia internamente temas como as reformas previdenciária e tributária, a transferência de Fernandinho Beira Mar (um conhecido traficante do RJ) para diversos presídios, o assassinato de dois juízes (em SP e no ES), dentre outros. A procura pela audiência parece ter sido a responsável pela extensa cobertura de guerra, uma vez que, dependendo da maneira que a guerra for coberta, é vista como entretenimento para telespectadores que não sabem exatamente a localização do Golfo e, tampouco, os impactos desta guerra em sua vida. Os cidadãos brasileiros, então, submetidos ao crescimento de “intensidade de vida”, resultado da circulação acentuada das idéias e

⁶⁷ É importante ressaltar que o próprio *JN* fez notar que a declaração de fim de guerra feita por Bush, a bordo de um porta-aviões, não foi uma declaração oficial de fim de guerra; o presidente apenas disse que as principais ofensivas contra o Iraque já haviam ocorrido e que as tropas da coalizão obtiveram sucesso. O governo americano estava, ao evitar a declaração oficial, tentando driblar a Convenção de Genebra que diz que os prisioneiros de guerra devem ser devolvidos ao seu país dado o fim do conflito.

⁶⁸ CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *Op. Cit.* p.63.

imagens, sofrem de superficialidade e tensão causadas pela dificuldade em compreender tudo que é novo⁶⁹.

- Pré-guerra

No período preparatório à guerra, o *JN* deu ênfase às atitudes e recomendações dos inspetores de armas da Organização das Nações Unidas. No dia 20 de fevereiro, os inspetores completaram 300 operações sem qualquer descoberta de armas de destruição em massa. Na edição de 5 de março, foi noticiado que Hans Blitz, o chefe dos inspetores, considerava positivamente o aumento da cooperação iraquiana e que uma guerra tiraria a credibilidade das inspeções em todo no mundo. No dia 7 do mesmo mês, o chefe dos inspetores afirmou que a destruição de 34 mísseis era uma medida substancial de desarmamento alcançada pelo Iraque. Diante do conflito iminente, ele lamenta na edição do dia 19 de março: “Sinto tristeza por não ter mais tempo para as inspeções e que a ação armada agora pareça iminente”. O *JN* poderia optar por se esquivar do debate internacional acerca da tentativa e fracasso de encontro das armas químicas em território iraquiano, no entanto, deu vasta cobertura a este tema, reiterando a posição do chefe dos inspetores da ONU que em momento algum afirmou encontrar tais armas. Esta parece ter sido uma forma encontrada para se mostrar uma realidade mais fidedigna sobre uma das justificativas americanas para o ataque ao Iraque.

Ainda durante a cobertura do “pré-guerra”, é possível a identificação de um enquadramento bastante distinto: o noticiário só estava à espera do início do conflito. Em momento algum a impressão que a situação poderia tomar outro caminho foi passada. A representação era de uma realidade onde a guerra iria acontecer, mais cedo ou mais tarde, assim como afirmavam as fontes oficiais americanas.

Segundo Bourdieu⁷⁰, o raro tempo na televisão é empregado com coisas fúteis pois estas se tornam importantes na medida em que ocultam o que de fato é precioso. Sob esta visão é que pode ser encarada a opção da cobertura do jornal analisado ter conferido grande atenção ao Papa e seus esforços pela paz. Não que o tema da paz não seja importante, de fato o é, mas em meio aos preparativos de uma guerra, a tomada de partes dos diversos países contra ou a favor do conflito, a discussão do poder da ONU

⁶⁹ MATTELART, Armand. *Op. Cit.* p.40.

⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p.23.

versus o dos EUA, dentre outras questões, conferir espaço a tal tema mostra-se estratégico para que assuntos mais politizados (como os já citados) fossem superficialmente discutidos. A ida de diversos líderes internacionais ao Vaticano para reuniões com o Papa foi assunto de várias notícias: o primeiro dos líderes foi o vice primeiro-ministro iraquiano, Tarik Aziz, no dia 14 de fevereiro, ele prometeu desarmar o país. Kofi Annan foi recebido no Vaticano no dia 18 do mesmo mês. Já Tony Blair foi recebido no dia 22, quando o Papa pediu a ele que o direito internacional fosse usado para evitar a guerra e, menos de uma semana depois, foi a vez do então primeiro-ministro da Espanha, José María Aznar. No jornal do dia 18 de março, o Papa condenou duramente o ultimato dos EUA a Saddam, e passados dois dias, ele lamentou que Saddam não tenha acolhido as resoluções da ONU e deplorou que o direito não tenha sido usado na tentativa de salvar a paz. Através de uma sonora, na edição de 26 de março, pode-se ouvir o Papa dizer estar com seu coração oprimido. Mesmo o Brasil se tratando de um país majoritariamente católico (73% segundo censo de 2000) ao assunto foi conferido mais espaço que, por exemplo, a legalidade de uma ofensiva lançada quase que unilateralmente pelos EUA.

Ainda antes do início oficial da guerra, o *JN* noticiou que americanos já realizavam pequenos ataques em território iraquiano. Usando fontes do comando militar americano, aquele noticiário relatou, no dia 13 de fevereiro, que forças especiais já estariam em vários pontos do Iraque e, no dia 3 de março (17 dias antes do início oficial da guerra) que aviões americanos e britânicos já atacavam lançadores de mísseis iraquianos. No dia 6 do mesmo mês, segundo fonte iraquiana, esses ataques prévios teriam matado três civis. Esses fatos foram apenas relatados pelo *JN* sem que este se desse conta da incoerência dos ataques realizados por americanos ainda quando estes estavam “fingindo”, na ONU, sobre a possibilidade da guerra ser evitada. Ataques já estavam acontecendo durante as discussões internacionais preliminares e o *JN* não chamou atenção do telespectador para o fato. Pelo contrário, enfatizou o Papa e as discussões na ONU, como em uma tentativa de “omitir” tais ataques.

- Guerra

Como se explicitará em seguida, o enquadramento oferecido pelo *JN* ao conflito no Iraque teve forte caráter estratégico e militar. Uma sessão do jornal fora destinada às explicações militares da operação. A potência e os tipos de mísseis, tanques, aviões,

helicópteros, etc. usados pelas forças da coalizão foram bastante abordados. Fez-se o possível para que o telespectador compreendesse o alcance e a função de cada tipo de armamento. Por exemplo, no dia 21 de março foi explicado que os mísseis que saíssem do Mar Vermelho demorariam aproximadamente uma hora para chegar em Bagdá, atravessando uma distância de 1.100 km e no dia 22 foram veiculadas imagens do funcionamento de um porta-aviões. A tecnologia dos aviões e bombas foi trazida à tona diversas vezes mais. O armamento inteligente da coalizão também contribuiu para o enquadramento tático; no entanto, não se sabe ao certo, até o presente momento, a porcentagem de todo armamento deste tipo que foi utilizado. Mattelart⁷¹, em seu livro *Comunicação Mundo*, trouxe números sobre a Guerra do Golfo: menos de 7% do total das bombas lançadas sobre o Iraque e Kuwait eram bombas com guiamento laser e 70%, também do total, falharam o alvo, mostrando que os armamentos inteligentes só foram usados, devido seu custo, sobre os mais preciosos objetivos do adversário. É bem possível que este também tenha sido o caso do Iraque 2003, mas o enquadramento tático do *JN* não levantou questões como essa. A discussão que era levantada sobre o assunto era da importância da tecnologia, do avanço em termos de quantas vidas eram salvas, ou deixavam de serem acertadas, com este tipo de ataque. O que não foi objeto de discussão foi a real quantidade deste tipo de armamento no conflito; Menos ainda foi falado sobre a real eficácia desses mísseis.

É, no entanto, contraditória informação apresentada pelo *JN*: se os mísseis inteligentes foram amplamente utilizados, por que aconteceram tantos ataques a zonas de civis como mercados populares e hospitais? Agora, a questão que pode ser levantada é: esses ataques foram deliberados ou acidentais? Essa questão, bem como o número de mísseis inteligentes utilizados e sua porcentagem de erro ao alvo, só será revelada passado maior tempo do conflito, depois da conclusão de maior número de pesquisas e divulgação de mais dados sobre a guerra.

Em contraste, o armamento iraquiano era reportado como obsoleto e impreciso, como noticiado no dia 20 de março. Os soldados da coalizão eram soldados bem preparados e conscientes do que estavam por encontrar, como percebido através das imagens, no dia 22 de março, do treinamento do soldado americano e da preparação de seu avião para levantar vôo antes do ataque. Como já mencionado, a tecnologia foi mais uma vez realçada aos olhos do telespectador, até mesmo a velocidade que as balas dos

⁷¹ MATTELART, Armand. *Op. Cit.* p.139-140.

fuzis americanos alcançavam foi explicitada (5 de abril). Enquanto os soldados americanos e britânicos foram apresentados como muito bem treinados para o conflito, os soldados iraquianos, quando eram objeto de ênfase no jornal, foram tidos como inexperientes, com exceção da Guarda Republicana que, como veremos a seguir, fora apontada no pré-guerra como mais perigosa e sanguinária do que realmente se mostrou.

A notícia que a Guarda Republicana, poderosa armada de Saddam Hussein, estava preparada para luta de forma mais equilibrada contra a coalizão serviu como uma demonstração para o Ocidente que o Iraque estava ansioso pelo conflito. Como se percebeu, esta Guarda não apresentou maiores complicações para as tropas da coalizão e muito menos teve algum poder em manter tais tropas fora de Bagdá, que foi “tomada”⁷² com extrema facilidade. No entanto, o *JN* não levantou o questionamento que essa poderia ter sido uma tentativa americana de fazer com que tal Guarda se tornasse, aos olhos do mundo, um poderoso inimigo que deveria ser combatido e que isso poderia ajudar os americanos a justificar o ataque. O Pentágono obteve informações que o Iraque começara a distribuir ogivas com armas químicas para algumas unidades da Guarda Republicana (*JN* - 17 de março) e o noticiário repassou tal notícia sem questionamentos.

Neste aspecto percebemos a dificuldade dos jornalistas se desvincularem das fontes oficiais. O jornalismo que visa fornecer ao público um registro neutro dos fatos, mas também depende primariamente de oficiais do governo para descrever e explicar tais eventos, tem potencial apenas de refletir a realidade que os oficiais do governo desejam mostrar ao público. E, neste caso, as justificativas do ataque ao Iraque foram reproduzidas pela mídia americana e, por conseguinte, pela mídia brasileira.

Sendo uma parte da abordagem tática já mencionada, as menções da geografia iraquiana foram também recorrentes. As tropas que marchariam pelo sul, pelo norte, as bases aéreas que estavam sendo utilizadas, as tempestades de areia, o comprometimento da potência dos veículos da coalizão devido às tais tempestades (*JN* 26 de março), a previsão meteorológica que a poeira assentaria, que o tempo seria bom e a lua cheia facilitaria a visão noturna (*JN* 19 de março), dentre outros. Estes serviam como fator emocionante e atraente da guerra justamente pelo aspecto apolítico de tais informações. O telespectador seria capaz de acompanhar, no dia 27 de março, a saga das tropas da coalizão que esperavam o fim da tempestade para avançarem com maior facilidade, ou a

⁷² Este termo deve ser cuidadosamente utilizado pois o conflito permanece até hoje.

difficuldade que passavam pois a reação iraquiana afetara o transporte de água e alimentos para os soldados, que tiveram que racionar alimentos no fronte. A instantaneidade desta guerra possibilitou que o telespectador acompanhasse a espera das tropas da coalizão por comida com muito mais emoção. A falta de alimentos e suprimentos é, de certa maneira, esperada numa guerra, mas o diferencial desta foi justamente o fato do mundo inteiro poder ver as dificuldades do conflito enquanto o mesmo ainda acontecia, não depois através de documentários.

Por tudo isso, uma vez apresentados os personagens (combatentes de cada uma das partes), os cenários (cidades e ambientes onde seriam travados os conflitos) e os meios de guerra (armamentos), desenrolou-se diante os telespectadores um grande “*reality show*”, com pouca preocupação perante os personagens “secundários” (população) ou reais motivações da guerra. Segundo Bourdieu⁷³, a falta de informação e apelação para aspectos de entretenimento podem se apresentar estratégicos perante o jogo político, pois os menos politizados são desencorajados a participar de um debate mais esclarecido, favorecendo a manutenção da ordem estabelecida. Transportando a afirmação para o evento estudado, percebe-se que a opção de a mídia cobrir a guerra de forma apolítica, descritiva e de maneira a conferir ao conflito aparência de entretenimento foi na verdade uma opção por manter o grande público fora das questões políticas de uma guerra, favorecendo a manutenção do poderio norte-americano, uma vez que este tipo de questionamento foi raramente trazido à tona.

Não se pode afirmar que intencionalmente tenha se optado por diminuir a importância da população no conflito. Seus sofrimentos e mazelas foram bem elucidados assim como a falta de remédios, leitos e até mesmo médicos em Bagdá (5 e 7 de abril). A falta de comida, de água e de eletricidade também foram objeto de reportagens nos dias 24, 31 de março, etc. Mas, infelizmente, tal abordagem não teve o mesmo fôlego e espaço que tiveram os aspectos táticos do conflito que contribuíram para a visão de “entretenimento” do conflito, elementos característicos da cobertura atual. O que tal abordagem de fato teve foi um caráter sensacionalístico de mostrar crianças em hospitais, pessoas correndo com parentes no colo a caminho de postos de saúde, famílias desesperadas, por exemplo.

O caráter meramente descritivo foi observado através da cobertura das manifestações contra a guerra em todo mundo. Nas semanas anteriores e durante o curso

⁷³ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* p.142.

da guerra foram reportados movimentos sociais pedindo a paz, o número de pessoas que estiveram em cada manifestação e os países que participavam da mobilização (Alemanha, Austrália, Brasil, Coréia do Sul, Egito, EUA, Filipinas, Índia, Irã, Itália, etc.), no entanto o povo não teve voz na cobertura destas. Não se ouviu o que os manifestantes tinham a dizer, apenas mencionava-se que eram contra a invasão, mas não o porquê disto. Na cobertura do dia 22 de março, foi transmitida a maior manifestação em Nova York desde o início da guerra, com 250 mil pessoas. Neste dia, a polícia americana entrou em choque com a população e 10 pessoas foram presas. Ainda na mesma reportagem, o *JN* reproduziu pesquisa americana que informava que, apesar de barulhentos, apenas 27% dos americanos eram contra a guerra, enquanto 71% eram a favor. Um aspecto positivo foi que na cobertura do dia 27 de março, o jornal reportou que manifestantes na 5ª Avenida de NY protestaram também contra a mídia americana, que segundo eles, estivera fazendo uma cobertura parcial, mas um aspecto negativo foi que o *JN* não emitiu comentários a respeito. Nesta manifestação, foram presas 150 pessoas. Este número noticiado pelo telejornal, no entanto, não levantou qualquer tipo de discussão. Nada foi comentado, por exemplo, sobre o direito a liberdade de expressão dos cidadãos. O número de presos foi relatado como uma consequência previsível dos eventos; foi apenas repassado ao público sem maiores explicações.

O processo de mobilização da opinião já é encarado por muitos autores, como Mattelart⁷⁴, como esforço integrante do conjunto maior de esforços, do qual fazem parte a mobilização de homens e meios, que é a guerra. Para o autor, as guerras e a comunicação estão estreitamente relacionadas, sendo um viés desta relação a guerra de propaganda. Nesta Guerra do Iraque de 2003 as propagandas da coalizão e iraquiana foram fortemente utilizadas como meio de formação de opinião e conseqüentemente, tática de guerra. O *JN* cobriu diversas vezes a guerra de propaganda que estava acontecendo, ainda que poucas vezes com um viés questionador ou opinativo. Segundo relatos deste jornal, as forças da coalizão jogaram panfletos sobre as cidades iraquianas, instigando a população a derrubar Saddam Hussein (noticiado no dia 1º de março), os combatentes a deixarem de lutar (dia 21 de março), carros de som foram posicionados fora da cidade de Basra chamando a população para sair da mesma, prometendo ajuda humanitária (dia 26 de março). A edição do dia 21 de março descreveu um rádio-avião que sobrevoava o território iraquiano transmitindo programação em árabe com a

⁷⁴ MATTELART, Armand. *Op. Cit.* p.73.

propaganda americana. Esses fatos foram tratados pelo *JN*, como já mencionado, como descrições dos preparativos de guerra e do conflito em si, sem aprofundamento no assunto.

Fontes oficiais americanas afirmavam o avanço de seu fronte e negavam qualquer sinal que mostrasse que alguma de suas missões não logrou êxito; como exemplo temos a falta de referência aos helicópteros que iraquianos afirmavam ter abatido enquanto, no dia 20 de março, o Pentágono negava que estes helicópteros tivessem sido atingidos por forças iraquianas. Segundo o órgão americano, eles teriam feito pouso de emergência e tido a tripulação resgatada. De fato o *JN* não mostrou nenhuma evidência que comprovasse qualquer uma das alternativas. O jornal noticiou em 29 de março que, devido ao racionamento de comida causado pelos ataques iraquianos aos comboios da coalizão, alguns soldados estariam recebendo apenas uma refeição por dia, mas para contrariar a suspeita de vulnerabilidade, o porta-voz do comando militar americano no Qatar negou que isto estivesse acontecendo.

Em 31 de março o *JN* afirmou que “autoridades americanas fazem um grande esforço na mídia para mostrar que a operação no Iraque está sendo bem sucedida”, comprovando a guerra de propaganda que estava acontecendo em território iraquiano, americano e em todo mundo. É curiosa a posição do *JN* que relatou a guerra de propagandas como se ele não fizesse parte do jogo midiático, como se estivesse observando “de cima” o que estava acontecendo, relatando o percebido, mas não tendo parte no mesmo. Nesta mesma edição do *JN*, foi percebido o poderio deste tipo de guerra através do relato da demissão do repórter da *NBC*, Peter Arnett. O *JN* fez um breve histórico de sua carreira até o momento de sua demissão, contando aos telespectadores que Arnett ficou famoso por transmitir a Guerra do Golfo (1991) pela *CNN*; foi demitido em 1998 por uma reportagem que denunciava o uso do gás sarin pelos EUA contra soldados americanos desertores no Vietnã; a história nunca foi confirmada. Desta vez, ele perdeu o emprego depois de dar entrevista a TV estatal iraquiana. A direção da *NBC* considerou um erro o correspondente discutir suas opiniões na TV iraquiana principalmente em momento de guerra. De Bagdá, *ao vivo* para os EUA, ele pediu desculpas ao povo americano e lamentou as confusões causadas pelas suas declarações de que o 1º plano de ataque americano teria falhado e as tropas da coalizão teriam subestimado a resistência iraquiana. Ao pedido de desculpas de

Arnett o *JN* não emitiu nenhuma opinião a respeito, nem de repúdio a *NBC*, nem de apoio. E esse é mais um exemplo de enquadramento meramente descritivo.

O próprio *JN* afirmou a existência de uma guerra de propaganda, que continuou a acontecer mesmo depois da invasão da coalizão ao Iraque: EUA e Grã-Bretanha inauguraram uma rede de TV no Iraque (*TV Frente da Liberdade*). A programação era controlada pelo Departamento de Defesa americano. Bush e Blair apareceram na TV falando em inglês com legendas em árabe. Blair disse que o dinheiro do petróleo seria dos iraquianos; Bush tentou oferecer um alívio, afirmando que todas pessoas do Iraque teriam ficado livres da perseguição que sofreram durante o regime de Saddam (*JN* - dia 10 de abril).

O telespectador do noticiário estudado foi chamado atenção para o fato de haver propaganda americana até na entrega da ajuda humanitária: caminhões cheios de alimentos presenteados pelo Kuwait (importante ressaltar a parceira deste com os EUA) chegaram ao Iraque; os caminhões levavam letreiros em árabe e em inglês. Levando-se em consideração que a carente população iraquiana só fala árabe, o letreiro em inglês deve ter tido a mídia mundial como alvo, nas próprias palavras de repórter do *JN*, em 29 de março.

Por seu lado, o Iraque insistia em afirmar que os EUA se arrependeriam de invadir o país, instigar soldados a morrerem defendendo o Iraque (29 de março), e mesmo quando as tropas da coalizão já alcançavam os arredores de Bagdá, o ministro de informação iraquiano insistiu em afirmar que as forças ainda estariam a quilômetros da capital e demorariam dias para alcançar a mesma (5 de abril). Em sonora do dia 28 de março, o ministro iraquiano da informação disse que americanos e britânicos sabiam que estavam perdendo a guerra. Imagens do ditador continuaram a ser veiculadas por todo o mundo mesmo depois da invasão (4 de abril), ajudando na construção da imagem que tudo estaria sob controle do governo iraquiano. O *JN*, no entanto, levantou inúmeras vezes o questionamento sobre a veracidade de tais imagens. Muito foi especulado sobre a quantidade de sózias de Saddam, como se questionando a integridade do ditador, seu real paradeiro e seu estado de saúde.

A diversidade de empresas de notícia cobrindo o conflito tornou possível a contradição de informações veiculadas nos diversos países. As redes de TV árabes, *Al Jazeera* do Qatar, *Abu Dhabi* dos Emirados Árabes e *Al Arabiya* da Arábia Saudita, se encarregaram de reportar ao mundo a visão não-ocidental do conflito. Estas foram

responsáveis pela veiculação de grande quantidade de imagens de civis machucados em hospitais. A TV estatal iraquiana mostrou imagens de um soldado americano morto na estrada e de outros quatro corpos e a *Al Jazeera* foi responsável pela retransmissão destas imagens para todo o mundo, no dia 24 de março. No entanto poucas foram as vezes que, como o exemplo anterior, o *JN* mencionou de que fonte obteve as informações e imagens. A referência à qual agência de notícia foi a responsável pela produção da mesma estava relacionada ao levantamento de contradições nas coberturas. Quando levantada a contradição (o que ocorreu poucas vezes, como analisado adiante), o noticiário mencionava as fontes contraditórias, mas rotineiramente o mesmo não informava ao telespectador quem fora o responsável pela produção da informação e captura de imagens veiculadas

No noticiário do dia 26 de março, o próprio *JN* chamou atenção para a diferença nas coberturas das TVs árabes e americanas. Nesta reportagem, o jornal forneceu a informação que para a TV americana, a guerra se chamava “*Operação Liberdade do Iraque*” e as tropas eram de coalizão; já para a *Al Jazeera*, as tropas eram referidas como invasoras. Desta maneira a simples opção pelo *JN* da terminologia “forças da coalizão” reflete que este telejornal não conseguiu se desvincular das fontes ocidentais com fontes principais, fazendo crer que as notícias que aqui chegavam por si só já continham implicitamente o viés da mídia norte-americana.

Os autores Chomsky e Herman⁷⁵ citam quatro filtros pelos quais as notícias devem passar para serem veiculadas. Um deles é justamente o relacionamento simbiótico da mídia de massa com as poderosas fontes de informação pela necessidade econômica e pela reciprocidade de interesses. A cobertura da *CNN* e da *NBC*, por exemplo, certamente foi “obrigada” a divulgar matérias dúbias e a realizar uma censura velada para não ofender suas fontes e desta maneira continuar a receber privilégios tanto da ordem econômica, como notícias em caráter de exclusividade. A cobertura das redes árabes contrastou com a cobertura da mídia americana, justamente porque as notícias das emissoras árabes não têm que passar por esse filtro do relacionamento simbiótico com fontes poderosas americanas. A saber, essas notícias não passaram pelos filtros ditos “ocidentais”, mas tiveram que ultrapassar outros filtros pertinentes a sua própria política, religião e cultura. Para melhor compreensão do que de fato aconteceu com a mídia americana (e conseqüente entendimento da cobertura do *JN*, que obteve muitas de

⁷⁵ CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *Op. Cit.* p.62.

suas informações através daquela mídia) é preciso mencionar um outro filtro pelo qual as notícias são submetidas: a bateria de reações negativas dentre sua sociedade. Sendo o governo o principal produtor de reações negativas, a mídia dificilmente opta por contrariá-lo uma vez que este pode atacá-la, ameaçá-la e regularmente corrigi-la numa tentativa de refrear quaisquer desvios da linha estabelecida. Como as empresas de notícias visam audiência e publicidade, para elas uma bateria de reações negativas do governo poderia ser fatal.

A presença de outras empresas de notícias possibilitou que a visão ocidental do conflito não fosse apenas a americana, fornecendo até mesmo visões (ainda que escassas) desmascaradoras dos governos da coalizão. Notícia publicada em um jornal britânico, e reproduzida no *JN* no dia 3 de março, revelou que o governo americano estaria espionando as delegações dos países com representação no Conselho de Segurança. O objetivo seria saber quais países votariam a favor da proposta americana durante as negociações iniciais do pré-guerra. O jornal *The Guardian* acusou o governo britânico de ter fornecido ajuda financeira ao Iraque para construir uma fábrica de armas químicas, noticiado pelo *JN* do dia 6 de março.

O que, se observado com bastante cautela, pode ser notado na cobertura do *JN* é o fato de que para se trazer uma notícia nova, determinante e decisiva para o conflito, a ênfase dada era bastante grande, muitas vezes destinava-se uma notícia inteira para o repasse de informação. Já quando a notícia deveria ser desmentida, ela recebia menos ênfase e era esclarecida em poucos segundos. Em seu artigo, Lins da Silva⁷⁶ aborda justamente este artifício utilizado pelo governo americano. Optava-se por revelar notícias “bomba” em ocasiões de grande relevo e vasta audiência. A contestação destas dava-se sempre em ambientes com audiências mais reduzidas e com concentração de estratos demográfico superiores.

O Pentágono decidiu permitir que repórteres fossem “encaixotados” com as tropas da coalizão, contrariando o princípio seguido nas últimas décadas que, em guerras, lugar de jornalista é bem longe dos combates. Segundo Lins da Silva⁷⁷, essa foi uma tentativa de ganhar a opinião pública sobre a veracidade das informações. Os repórteres encaixotados⁷⁸ representaram a esperança de que as empresas de notícias se

⁷⁶ LINS DA SILVA, Carlos. “Contradições na cobertura jornalística americana no Iraque”. *Política Externa*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 5-25, dez./jan./fev. 2003-2004. p.8.

⁷⁷ *Idem*, p.11.

⁷⁸ *Ibidem*, p.11.

desvinculassem das versões oficiais do governo para reportar notícias, sem sujeição a qualquer tipo de censura oficial. Como veremos a seguir, os repórteres encaixotados contribuíram para o bom jornalismo apontando contradições entre situações fornecidas por autoridades militares e aquelas por eles presenciadas. O aspecto que se opõe a esta grande vitória do jornalismo desvinculado de possíveis censuras é que os próprios encaixotados se submeteram a um tipo de censura imposta por eles mesmos, a decorrente do manto de patriotismo que cobriu os americanos pós ataques de 11 de setembro. Além disso, os repórteres passaram a conviver com os soldados e a eles confiar suas vidas, o grau de empatia e relacionamento era tal que o resultado de tal experiência não foi tão significativo para a cobertura justa como se pensou a princípio. O *JN* menciona os repórteres encaixotados em reportagem do dia 21 de março, afirmando que esta seria uma tentativa dos americanos de controlarem as informações, uma vez que os repórteres teriam seus movimentos limitados ao das tropas que acompanhassem. Esses repórteres serviram como fontes indiretas para o *JN*, pois a *Rede Globo* não teve nenhum encaixotado da emissora. O correspondente Marcos Uchôa esteve, durante a maior parte da cobertura, na Cidade do Kuwait, só adentrando no Iraque no dia 15 de abril, não tendo acompanhado tropa alguma e tendo que ter seu acesso a qualquer lugar permitido por militares americanos, que a essa altura encheram o país com seus postos de controle. O *JN* não menciona as impressões e reações dos repórteres encaixotados, mas, apesar da bibliografia⁷⁹ a este respeito não afirmar, ela induz o leitor a acreditar que estes não se deram conta, em princípio, de que a intenção do pentágono não poderia ser outra senão utilizar-se dos próprios para servir seus interesses. É importante ressaltar que tal proximidade dos repórteres com o conflito resultou em maior número de baixas entre o grupo que na Guerra do Golfo e Afeganistão (*JN* 8 de março).

Contradições levantadas por repórteres encaixotados viraram reportagens do *JN*, como em 28 de março: segundo um tablóide de Nova-iorquino, mais de 30 fuzileiros navais teriam ficado feridos em um incidente de fogo-amigo, no entanto o repórter encaixotado do *The New York Times* publicou reportagem dizendo que o incidente teria sido uma emboscada iraquiana. O *JN* do dia 31 de março reportou que devido à recusa de iraquianos de dentro de uma *van* se identificarem, em um posto de controle no Iraque, americanos teriam atirado para o alto (como alerta), depois no veículo, para

⁷⁹ *Ibidem*, p.11.

depois atirar nos tripulantes. Sete mulheres e crianças morreram. Em sua edição do dia seguinte, o *JN* noticiou que segundo um repórter “encaixotado” do *The Washington Post*, este incidente não teria acontecido exatamente como narrado anteriormente. Os americanos não teriam dado os tiros de alerta para o céu e no veículo, atirando diretamente nas pessoas. Em 2 de abril, o *JN* noticiou que a versão americana afirmou que duas das três divisões da Guarda Republicana foram “pulverizadas e esmagadas”. Já os repórteres que acompanhavam as tropas americanas afirmam não ter visto nenhuma resistência em especial, tampouco alguma destruição. Por esses episódios se percebe que algumas notícias puderam ser contestadas pela presença dos encaixotados, que estes foram úteis para a busca de uma representação de realidade mais fiel, no entanto, essas foram umas das únicas vezes que tais informações foram utilizadas pelo *JN*. Não se pode saber, pela cobertura do noticiário, se esses repórteres foram responsáveis por levantar dúvidas em outros incidentes ou não. Ao final do conflito, nenhuma opinião conclusiva foi apresentada pelo jornal a respeito da presença destes junto às tropas.

O próprio correspondente (não “encaixotado”) da *Rede Globo* no Golfo, Marcos Uchôa, levantou a seguinte contradição: no *JN* nacional do dia 21 de março foram mostradas imagens de iraquianos recebendo muito festivamente os americanos em uma aldeia. No dia seguinte, o correspondente afirmou que as imagens teriam sido exceção, na verdade a recepção estaria ocorrendo de forma muito menos calorosa. Porém, essa contradição não é resolvida: em 2 de abril o jornal noticia que “em Najaf, as tropas americanas finalmente foram recebidas com festa”. Ao final, não se sabe ao certo como foi a recepção dos iraquianos às tropas da coalizão.

A cobertura do conflito verificou ainda outras contradições, como a afirmação de jornalistas americanos, citando fontes da CIA, que uma fábrica de armas químicas fora encontrada. O *JN* questionou esta informação ponderando que nenhuma foto fora mostrada e a notícia desaparecera dos noticiários internacionais, contribuindo para desinformação da população. No *JN* do dia 8 de maio, foi noticiado que médicos iraquianos haviam dado outra versão sobre o resgate da soldado Jéssica Linch, que teria sido alvejada por tiros de iraquianos: ela nunca teria levado sequer um tiro, teria apenas quebrado a perna.

O já mencionado correspondente da *Rede Globo* utilizou o aparelho de vídeo-fone para falar diretamente ao Brasil durante o *JN*. Ao oferecer um contato *ao vivo* com as proximidades do conflito (Uchôa esteve, durante a maior parte da cobertura, na

Cidade do Kuwait), o telejornal procurou, mais uma vez, envolver o público no “*reality show*” da guerra, fazendo com que este ficasse “grudado” à televisão, conferindo à empresa de mídia a tão importante audiência.

Apesar da presença de um correspondente da emissora na região do conflito, foi através das charges e comentários que se pode perceber a opinião do telejornal com maior clareza. Às vezes as charges eram descritivas: Bin Laden e Saddam estão em uma caverna quando um míssil atinge Saddam (27 de março) ou Bush atira em Saddam com um canhão (31 de março). Outras vezes foram críticas: a cabeça de Bush cai como uma bomba sobre o próprio Bush (4 de abril) ou o cowboy Bush derruba a estátua de Saddam que acaba caindo em cima dele (8 de abril). O comentarista Arnaldo Jabor foi responsável pelos comentários de guerra que foram, em um contexto geral, bastante críticos àquela operação: no dia 14 de fevereiro, Jabor afirmou que nossas vidas estariam sendo mudadas por pessoas loucas, dentre elas Saddam e Bush; a guerra destruiria a democracia internacional, a cultura da Europa, a ONU e o humanismo ocidental. Afirma que os americanos queriam humilhar a Europa, a ONU e ter o petróleo; Bush seria um homem fraco que quer se mostrar forte e representava a ignorância no poder, em 7 de março. Ele ironiza a data marcada para começar a guerra; afirma que esta já começou em 1992 quando “Bush pai” perdeu a presidência para Bill Clinton e os republicanos começaram a planejar uma era imperial para a América (14 de março). No dia 21 de março, critica o excesso de poder norte-americano que coloca o resto do mundo como espectadores que devem respeitá-lo. Vê-se, assim, a enorme dissonância entre o aspecto crítico de sessões como as mencionadas e o acrítico percebido nas demais reportagens sobre a guerra neste noticiário.

Importante lembrar que durante a cobertura do período da guerra, somente o comentarista Jabor relacionou a guerra ao desejo americano de ter posse do petróleo iraquiano. As demais notícias se esquivaram do assunto. A questão do petróleo, tão importante como se fez acreditar durante a cobertura do pré-guerra onde foi conferida até mesmo uma série especial para discussão do tema (ainda que descritivamente), foi evitada após o início das ofensivas. De acordo com Entman,

a maioria dos enquadramentos são definidos por aquilo que eles omitem da mesma forma que por aquilo que eles incluem, e as omissões de definições potenciais de problemas, explicações,

avaliações e recomendações podem ser tão críticas para conduzir as audiências quanto as inclusões⁸⁰.

Sob este aspecto é que se pode compreender o enquadramento omitivo do debate sobre o petróleo no *JN*, assunto delicado ao governo norte-americano.

Num contexto geral, não se pode afirmar que a cobertura do *JN* foi pró-coalizão ou contra, tampouco pró-Iraque ou contra. Ora o *JN* tomava uma postura ora outra. Isso torna possível a crença de que muitas das notícias veiculadas pelo noticiário foram apenas “importadas” e que às vezes as fontes escolhidas eram favoráveis ao conflito, outras vezes contrárias. Estas visões se mesclaram no *JN* tornando difícil o reconhecimento de qual era a própria interpretação do noticiário (com exceção de momentos como charges e comentários, já mencionados).

⁸⁰ ENTMAN, R. “Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm”. *Journal of Communication*, vol 43, n.4 (Autumn) apud DE LIMA, Venício A. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.275.

Conclusões

Após leitura de vasta bibliografia sobre o tema em questão e finalizada a fase da compilação dos dados através do acompanhamento das edições diárias do *JN* (período: 1 de fevereiro a 15 de maio de 2003), pode-se constatar que os objetivos propostos para realização da pesquisa foram alcançados, possibilitando a chegada às conclusões esperadas. As posições contraditórias na cobertura do *JN* estiveram presentes nas reportagens da guerra (melhor explicitadas no item anterior) e o papel das agências de notícias pode ser estudado devido justamente às contradições apresentadas pela diversidade na cobertura durante o decurso do conflito.

O grande número de empresas estrangeiras na cobertura da Guerra do Iraque contribuiu para apuração de possíveis controvérsias apresentadas como a realidade pelo governo americano ou pela mídia americana, que muito estava envolvida no sentimento de patriotismo exacerbado cultivado pós 11 de setembro.

A inovação de se ter repórteres “encaixotados” com as tropas teve como aspecto positivo a obtenção de algo mais perto do que acontecia nos fronts em determinados acontecimentos que relatos oficiais americanos omitiam ou mascaravam fatos. No entanto, muito mais poderia ter sido explorado por estes repórteres em situação tão privilegiada.

Fator que conferiu à cobertura desta guerra caráter diferenciado do da cobertura de outras guerras foi a presença de três redes de televisão não ocidentais. Estas ofereceram ao mundo a visão árabe do conflito, e por conta disso, suas coberturas muito se diferenciaram das redes de TV tradicionalmente ocidentais. O *JN*, tendo acesso tanto a fontes de notícias americanas como estrangeiras, incluindo as árabes, foi capaz de identificar e informar as contradições explicitadas pelos diferentes noticiários e jornais. No entanto, manteve algumas contradições implícitas, como a falta de coerência em se questionar a legalidade do alcance dos mísseis iraquianos e não fazer o mesmo quanto aos poderosíssimos mísseis americanos. Outro exemplo de contradição não explicitada pelo *JN* foi a natureza da reação dos iraquianos à presença das tropas da coalizão. Algumas edições mostravam imagens de iraquianos festejando a chegada de americanos ou britânicos; já outras edições exibiam o repúdio da população perante os estrangeiros.

As empresas de notícias estrangeiras com certeza contribuíram para uma melhor cobertura do conflito, porém o *JN* esteve perdido entre tantas fontes e não apresentou, em suas reportagens, linha ideológica coerente. Mostrou, de maneira tímida, sua

contrariedade à guerra através das charges e comentários, mas esta opinião não foi coerente com o resto de suas reportagens, em sua maioria acríticas e meramente descritivas. Ora questionava a justiça do ataque (apenas levantando a indagação sem fornecer resposta alguma), ora reportava-o como algo isolado do mundo e de certa maneira até inevitável.

Escolheu justamente por muito enfatizar a questão estratégica e militar do conflito para conferir um aspecto emocionante e televisivo do conflito, transformando-o em um “fato-ônibus”⁸¹, terminologia emprestada de Bourdieu. Não se pode tirar de mente que as empresas de notícias visam aos lucros, alcançando, dessa forma, altíssimos índices de audiência. O escasso tempo que poderia ser utilizado para discussão política que rodeia uma guerra foi empregado conquistando o telespectador por uma abordagem de “reality show”. Os aparelhos de vídeo-fone amplamente utilizados neste conflito por diversas empresas de notícias conferiram maior proximidade entre o telespectador e os acontecimentos no golfo, e desta maneira contribuíram para que o público assistisse a guerra como se esperasse o capítulo de amanhã da mini-série. As redes de TV que lucram com a maior audiência, encontraram neste aparelho um aliado, pois o caráter de passatempo da televisão não se perdeu nem durante a cobertura da guerra. E a presença destes aparelhos muito contribuiu para isso.

Algumas das transformações por que passou o *JN* ao longo de sua história são comuns ao jornalismo contemporâneo e vêm ocorrendo, inclusive, em outros países de maior tradição no jornalismo liberal. Refere-se à tendência de transformação dos telejornais em “programas de entretenimento” regidos pelo mercado, isto é, à preferência pelas matérias com grande conteúdo emocional, pela vida das celebridades e pela violência⁸².

Por conta desta vertente sensacionalista e econômica das notícias, Ramonet, afirma que não é possível acreditar na informação séria através dos telejornais pois: 1) o telejornal, estruturado como uma ficção, não é feito para informar, mas para distrair e 2) a rápida sucessão de notícias breves e fragmentadas produz um duplo efeito negativo de superinformação e desinformação⁸³.

Depois de realizado o trabalho, percebe-se que o assunto é bastante amplo e que pode ser ainda mais explorado no intuito de melhor compreender a mídia e até mesmo a

⁸¹ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p.23.

⁸² DE LIMA, Venício A. *Op. Cit.* p.269.

⁸³ RAMONET, Ignacio. *Op. Cit.* p.136.

Guerra do Iraque. Um aspecto relevante seria pesquisar como a mídia norte-americana noticiou o conflito e comparar à abordagem do *JN* relatada neste trabalho. Assim, a pesquisa poderia ser ainda mais enriquecida no momento em que fossem agregados a estes estudos a opinião pública da população dos dois países, sendo então possível traçar um perfil de recepção das notícias. A comparação entre perfis americanos e brasileiros seria importante para compreensão do posicionamento diferenciado das populações perante o conflito.

Também é possível vislumbrar uma continuação desta pesquisa no nível nacional. Outros telejornais poderiam ser analisados para comparação do enquadramento dado ao conflito por diferentes noticiários do mesmo país. Ainda seria interessante a comparação do telejornal analisado com jornais impressos, onde essa diferença de mídia pode ser significativa para a mudança de abordagem sobre o mesmo tema.

Referências Bibliográficas

- ALBRIGHT, Madeleine K. “Pontes, bombas ou tumulto?” *Política Externa*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 77-89, dez./jan./fev. 2003-2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *A manipulação do público: Política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo: Futura, 2003.
- DORNELES, Carlos. *Deus é inocente: a imprensa, não*. São Paulo: Globo, 2003.
- GAMSON, William. *Talking Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- GITLIN, Todd. *The Whole World is Watching: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left*. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis*. Boston: Northeastern University Press, 1986.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALLIN, D. *We Keep America on Top of the World: television journalism and the public sphere*. New York: Routledge, 1994.
- LIMA, Venício A de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- LINS DA SILVA, Carlos. “Contradições na cobertura jornalística americana no Iraque”. *Política Externa*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 5-25, dez./jan./fev. 2003-2004.
- MARINUCCI, Raquel Boing. “A cidade visível: violência na agenda pública do DF em 1998”. *As relações entre mídia e política*, Brasília, Cadernos do Ceam n. 6, p. 71-91, 2001.
- MATTELART, Armand. *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. “The Evolution of Agenda-Setting Research: Twenty-Five Years in the Marketplace of Ideas”. In *Journal of Communication*, v. 43, n. 2, p. 58-67, Spring 1993.
- PORTO, Mauro. “A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal Folha de S. Paulo”. *As relações entre mídia e política*, Brasília, Cadernos do Ceam n. 6, p. 11-32, 2001.

RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

RUBIN, James. “Tropeçando na guerra”. *Política Externa*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 111-126, dez./jan./fev. 2003-2004.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TUCHMAN, Gaye. “Contando estórias”. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Traquina, Nelson (org.). Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.

Fontes online:

Almanaque Ibope. Disponível em: <www.almanaqueibope.com.br>. Acesso em: 4 outubro 2004.

CANZIAN, Fernando. Dobra número de civis mortos no Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 agosto 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u75565.shtml>>. Acesso em: 11 setembro 2004

Coalizão antecipa transferência de poder no Iraque. 28 junho 2004. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI333147-EI865,00.html>>. Acesso em: 11 setembro 2004.

Começa a guerra: mísseis buscam Saddam em ‘ataque de decapitação’. 20 março 2003. Disponível em: <http://www.escolavesper.com.br/conflitos2003/a_guerra.htm>. Acesso em: 10 setembro 2004.

FARAH, Paulo Daniel. Petróleo é fator-chave na crise iraquiana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 setembro 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45576.shtml>>. Acesso em: 7 setembro 2004.

O começo do fim? 9 abril 2004. Disponível em: <http://www.escolavesper.com.br/conflitos2003/9_04_03_guerra_iraque.htm>. Acesso em 11 setembro 2004.

Países que apóiam ataque contra o Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 março 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/guerranoiraque/0028.shtml>>. Acesso em: 11 setembro 2004.

Pentágono encontra mais fotos de abusos contra presos no Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 maio 2004. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u72828.shtml>>. Acesso em: 11 setembro 2004.

Powell visita região curda atacada com armas químicas por Saddam. 16 setembro 2003.

Disponível em:

<http://www.itamaraty.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=13268> Acesso em: 11 setembro 2004.

ANEXO

Jornal Nacional

Data: 28/03/2003

Dia da semana: 6ª feira

Chamada: Uma nova tragédia da guerra: pela 2ª vez na semana um mercado de Bagdá é atingido por um míssil. O número de mortos passa de 50 e ninguém assume a autoria do disparo. Nossos repórteres entram no Iraque ocupado e mostram o desespero dos cidadãos na disputa por água e comida. Veja também os protestos contra a guerra mundo à fora. A prisão de 2 comparsas de Fernandinho Beira-Mar no Rio. O presídio de Piauí que vai receber o traficante depois da reforma. A mobilização mundial contra o novo tipo mortal de pneumonia. O peso do imposto sobre circulação de mercadoria nas cestas básicas dos brasileiros. E a seleção de Parreira na véspera do confronto com o Portugal de Felipão.

Tema	Tempo	Destaques
Guerra	1'01"	Bombardeio a mercado em Bagdá. Segundo canais de TV árabes, a maioria das vítimas foram mulheres, crianças e idosos. A <i>Reuters</i> entrevistou um médico que disse ter contado 55 mortos. Iraquianos afirmam que o ataque foi feito por americanos. O comando militar americano não comentou o ataque.
Guerra	1'47"	Bombardeios intensos a Bagdá desde a noite de ontem. 7 mortos e 92 feridos. [sonora do ministro da informação iraquiano] disse que os americanos e britânicos sabem que estão perdendo a guerra. A TV iraquiana mostrou 3 homens presos, acusados de serem espiões a serviço dos EUA.
Guerra	3'07"	General norte-americano disse que os iraquianos estão lutando de maneira muito diferente do previsto. Disse que a guerra pode durar muito mais que o esperado. [sonora do porta-voz do comando militar no Qatar] disse não saber exatamente o que o general americano Wallace disse. Estão examinando a respeito do ataque ao mercado e quando terminarem revelarão os resultados. Contradições nas informações: segundo tablóide de NY, em incidente de fogo amigo, mais de 30 fuzileiros navais teriam ficado feridos. Já o repórter do <i>The New York Times</i> , que acompanha as tropas, publicou reportagem dizendo que este fora uma emboscada dos iraquianos. [sonora de Donald Rumsfeld] disse ter informações de carregamentos de armas que estariam cruzando a fronteira da Síria para o Iraque. Considera isso um ato hostil e o governo Sírio será responsabilizado por isso. [sonora de Bush] disse que o regime que

		aterrorizava todo o Iraque agora só controla uma pequena porção do país. O governo da Síria declarou que a acusação do secretário de defesa não tem fundamento.
Guerra	2'03"	Táticas de guerra. Milícias iraquianas atrapalham o abastecimento de tropas americanas.
Guerra	21"	População de Bagdá joga futebol para continuar levando a vida.
Guerra	23"	Conselho de Segurança aprovou a retomada do programa "Petróleo por Alimentos".
Guerra	20"	Charge – Bush chutando o cão de Velásquez.
Guerra	20"	<i>Al Jazeera</i> registrou queda de avião de vigilância não tripulado em Bagdá.
Guerra	1'01"	Comentarista Arnaldo Jabor. "Inteligência" das bombas que só acertam os alvos militares e quando estão de mau-humor acertam civis. São as bombas que fazem, não os americanos.
Guerra	1'55"	Protestos contra a guerra: Itália, Egito, Paquistão, Filipinas, Coreia do Sul, Jordânia, Irã.
Guerra	21"	Protestos contra a guerra no Brasil: Porto Alegre e ABC paulista.
Guerra	1'21"	Até agora: 22 britânicos mortos. Blair admitiu que as tropas anglo-americanas estão enfrentando dificuldades. [sonora de Vladimir Putin] disse que ação militar anglo-americana representa a pior crise mundial desde o fim da guerra fria. Desrespeito às leis internacionais.
Guerra	23"	Forte explosão no centro da cidade do Kuwait. Um míssil teria atingido a cidade.
Guerra	4'08"	Uchôa – Ao vivo – Cidade do Kuwait. Fala da apreensão após a explosão. Não houve sirene. Primeiro dia que foi permitida a entrada no Iraque ocupado. Crescente Vermelho. Uchôa entra no Iraque. Caminhão de alimentos e empurra-empurra para obtenção de comida.
Internacional	26"	Avião de companhia aérea turca aterrissou na Grécia para reabastecer.
Política Interna	1'53"	Caso dos fiscais de renda do Rio.
Economia	2'00"	Imposto sobre circulação de mercadorias. Dificuldade da população de comprar a cesta básica.
Economia	11"	Cotações.
Segurança Pública	1'14"	Prisão de 2 bandidos aliados a Beira-Mar.
Segurança Pública	3'23"	Beira-Mar em Maceió.
Segurança Pública	15"	Caso do juiz assassinado no ES.
Segurança Pública	39"	Caso do juiz assassinado em SP.
Variedades	32"	Previsão do tempo.

Variedades	1'48"	Pneumonia asiática.
Variedades	43"	Propaganda do Globo Repórter.
Esportes	23"	Fórmula 1.
Esportes	1'24"	Futebol.
Esportes	2'05"	Futebol.

Tempo total: 35'22"

Tempo de guerra: 18'26"